



ISSN 1513-5252

ANO 10 - NÚMERO 130 - AGOSTO 2025



apuri

SOCIOAMBIENTAL

Distribuição: 15 ago a 14 set/25

Foto: Juliana Pesqueira / Amazônia Real / NSSI



AS ÁRVORES
ESTÃO
MORRENDO!

O COLAPSO DAS ÁRVORES EM MANAUS

p. 08

CIDADANIA

Brasil outra vez fora
do Mapa da Fome

p. 20

ECOLOGIA

Mãe nossa que
estais na Terra

p. 36

SUSTENTABILIDADE

Defender a democracia e
fundar a democracia ecosocial

p. 46



DIA DO BANCÁRIO



FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÓMICA FEDERAL

GRE



Junto com a categoria bancária, a **Fenae** comemora o **Dia do Bancário** no dia 28 de agosto. Nós, empregados da Caixa Econômica Federal, passamos a celebrar esta data após a histórica greve nacional, realizada em 30 de outubro de 1985.

A Greve das 6 horas assegurou o reconhecimento como bancário, direito à sindicalização e à jornada de seis horas. Foi um marco na nossa organização nacional, abrindo caminhos para muitas outras mobilizações.

A Fenae esteve presente na greve e continua lutando pelos direitos das empregadas e empregados da Caixa.



www.fenae.org.br



@fenaefederacao



/fenaefederacao



[/company/fenae-federacao](https://www.linkedin.com/company/fenae-federacao)



(61) 98142 8428

Uma revista pra chamar de nossa

Era novembro de 2014. Primeiro fim de semana. Plena campanha da Dilma. Fim de tarde na RPPN dele, a Linda Serra dos Topázios. Jaime e eu começamos a conversar sobre a falta que fazia termos acesso a um veículo independente e democrático de informação.

Resolvemos fundar o nosso. Um espaço não comercial, de resistência. Mais um trabalho de militância, voluntário, por suposto. Jaime propôs um jornal; eu, uma revista. O nome eu escorlhi (ele queria Bacurau). Dividimos as tarefas. A capa ficou com ele, a linha editorial também.

Correr atrás da grana ficou por minha conta. A paleta de cores, depois de larga prosa, Jaime fechou questão – “nossas cores vão ser o vermelho e o amarelo, porque revista tem que ter cor de luta, cor vibrante” (eu queria verde-floresta). Na paz, acabei enfiando um branco.

Fizemos a primeira edição da Xapuri lá mesmo, na Reserva, em uma noite. Optamos por centrar na pauta socioambiental. Nossa primeira capa foi sobre os povos indígenas isolados do Acre: *Isolados, Bravos, Livres: Um Brasil Indígena por Conhecer*. Depois de tudo pronto, Jaime inventou de fazer uma outra boneca, “porque toda revista tem que ter número zero”.

Dessa vez finquei pé, ficamos com a capa indígena. Voltei pra Brasília com a boneca praticamente pronta e com a missão de dar um jeito de imprimir. Nos dias seguintes, o Jaime veio pra Formosa, pra convencer minha irmã Lúcia a revisar a revista, “de gráts”. Com a primeira revista impressa, a próxima tarefa foi montar o Conselho Editorial.

Jaime fez questão de visitar, explicar o projeto e convidar pessoalmente cada conselheiro e cada conselheira (até a doença agravar, nos seus últimos meses de vida, nunca abriu mão dessa tarefa). Daqui rumamos pra Goiânia, para convidar o arqueólogo Altair Sales Barbosa, nosso primeiro conselheiro. “O mais sabido de nós”, segundo o Jaime.

Trilhamos uma linda jornada. Em 80 meses, Jaime fez questão de decidir, mensalmente, o tema da capa e, quase sempre, escrever ele mesmo. Às vezes, ligava pra falar da ótima ideia que teve, às vezes sumia e, no dia certo, lá vinha o texto pronto, impecável.

Na sexta-feira, 9 de julho, quando preparávamos a Xapuri 81, pela primeira vez em sete anos, ele me pediu para cuidar de tudo. Foi uma conversa triste, ele estava agoniado com os rumos da doença e com a tragédia que o Brasil enfrentava. Não falamos em morte, mas eu sabia que era o fim.

Hoje, cá estamos nós, sem as capas do Jaime, sem as pautas do Jaime, sem o linguajar do Jaime, sem o jaimês da Xapuri, mas na labuta, firmes na resistência. Mês sim, mês sim de novo, como você sonhava, Jaiminho, carcamos porva e, enfim, chegamos à nossa edição número 100. E, depois da Xapuri 100, como era desejo seu, a gente segue esperneando.

Fica tranquilo, camarada, que por aqui tá tudo direitim.



Arthur Wentz Silva
Estagiário



Emir Bocchino
Diagramador



Igor Strochit
Diagramador



Janaina Faustino
Gerente Executiva



Lúcia Resende
Revisora



Maria Letícia Marques
Redatora

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental - Comunicação de Resistência Ltda. CNPJ: 10.417.786/0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 - Setor Village - Caixa Postal 59 - CEP: 73.814-500 - Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: Edição Impressa - 1.000 - 5.000. Envio Eletrônico - 100.000. Circulação: Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.



O COLAPSO DAS ÁRVORES EM MANAUS

Em Formosa, aqui neste canto de Goiás de onde todo mês brota a nossa Revista Xapuri, há décadas o movimento ambiental luta, com derrotas na Justiça, contra a derrubada das árvores quase centenárias da Praça Imaculada Conceição, a Praça da Matriz desta nossa cidade de cento e poucas mil almas.

Não tem quem convença o comando da Santa Madre da importância não de derrubar, mas de plantar árvores, especialmente nesses tempos bicudos de acentuadas mudanças climáticas. Os padres querem, o bispo exige e os juízes decidem, ou já decidiram, o destino das Mongubas plantadas na década de 1950, pelos freis do Colégio do Planalto.

Daí a importância desta matéria de capa da Nicoly Ambrosio, publicada originalmente no site Amazônia Real. O que ocorre com as árvores de Manaus acontece também aqui em Goiás e, certamente, em outras cidades Brasil afora.

Cortam-se árvores, desmatam-se os espaços verdes das áreas urbanas, e em consequência o clima muda, o calor aumenta, o solo esquenta e as pessoas, ah, as pessoas já não encontram o abrigo da sombra amiga das árvores em suas caminhadas pelas cidades.

Oxalá uma reflexão sobre essa realidade nos ajude a repensar sobre a importância das árvores em nossas vidas e nos ajude a lutar para que sejam povoadas de verde as cidades onde vivemos.

Boa leitura. Bom proveito!



**Zezé Weiss – Jornalista
Editora da Revista Xapuri**

Jaime Sautchuk – Editor (in memoriam)

COLABORADORES/AS - AGOSTO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. **Antenor Pinheiro** – Geógrafo. **Arthur Wentz e Silva** – Estudante. **Clarice Lispector** – Escritora (*in memoriam*). **Eduardo Galeano** – Escritor (*in memoriam*). **Eduardo Pereira** – Sociólogo. **Emir Bocchino** – Designer. **Emir Sader** – Sociólogo. **Flora Bonatto** – Educadora. **Igor Strochit** – Designer. **Janaina Faustino** – Gestora Ambiental. **José Bessa Freire** – Escritor. **Jucelina de Moura Lôbo** – Escritora. **Henrique Martins** – Jornalista. **Leonardo Boff** – Ecoteólogo. **Lúcia Resende** – Professora. **Marco Aurélio Bernardes** – Escritor. **Maria Letícia Marques** – Ambientalista. **Nicoly Ambrosio** – Jornalista. **Rita Andrade** – Mestra em Políticas Públicas e Governo. **Sandro Dutra e Silva** – Professor. **Thiago Inácio** – Folclorista. **Zezé Weiss** – Jornalista.



CONSELHO EDITORIAL

Adair Rocha- Professor Universitário. **Adrielle Saldanha**- Geógrafa. **Ailton Krenak** - Escritor. **Altair Sales Barbosa** - Arqueólogo. **Ana Paula Sabino** - Jornalista. **Andrea Matos** - Sindicalista. **Angela Mendes** - Ambientalista. **Antenor Pinheiro** - Jornalista. **Binho Marques** - Professor. **Cleiton Silva** - Sindicalista. **Dulce Maria Pereira** - Professora. **Edel Moraes** - Ambientalista. **Eduardo Meirelles** - Jornalista. **Elson Martins** - Jornalista. **Emir Bocchino** - Arte finalista e Diagramador. **Emir Sader** - Sociólogo. **Gomercindo Rodrigues** - Advogado. **Graça Fleury** - Socióloga. **Hamilton Pereira da Silva (Pedro Tierra)** - Poeta. **Iêda Leal** - Educadora. **Jacy Afonso** - Sindicalista. **Jair Pedro Ferreira** - Sindicalista. **José Ribamar Bessa Freire** - Escritor. **Júlia Feitoza Dias** - Historiadora. **Kretã Kaingang** - Líder Indígena. **Laurenice Noleto Alves (Nonô)** - Jornalista. **Lucélia Santos** - Atriz. **Lúcia Resende** - Revisora. **Marcos Jorge Dias** - Escritor. **Maria Félix Fontele** - Jornalista. **Maria Maia** - Cineasta. **Rosilene Corrêa Lima** - Jornalista. **Trajano Jardim** - Jornalista. **Zezé Weiss** - Jornalista.



IN MEMORIAM:

Jaime Sautchuk - Jornalista. **Iêda Vilas** - Bôas - Escritora.
Samuel Pinheiro Guimarães Neto - Diplomata.



CONSELHO GESTOR

Agamenon Torres Viana - Sindicalista. **Eduardo Pereira** - Produtor Cultural. **Iolanda Rocha** - Professora. **Janaina Faustino** - Gestora Ambiental. **Joseph Weiss** - Eng. Agro. Ph.D.





08 **CAPA**
O colapso das árvores em Manaus

22 **CRIME DIGITAL**
Sistema anti-hacker defende site Taquiprati

17 **BIODIVERSIDADE**
O saúim-de-coleira e a biodiversidade encurralada

25 **FOTOGEOGRAFIA**
Memórias nas Paredes

20 **CIDADANIA**
Brasil outra vez fora do Mapa da Fome

26 **FORMOSA**
A passagem da Coluna Prestes por Formosa

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

28 CERRADO
Assim era no princípio

40 POLÍTICA
Edinho Silva defende agenda nacional para promover o desenvolvimento

30 CULTURA
Negrinho do Pastoreio: a lenda

43 MITOS E LENDAS
A bueira

32 DEMOCRACIA
Soberania e democracia são inseparáveis

46 SUSTENTABILIDADE
Defender a democracia e fundar a democracia ecossocial

34 ECONOMIA CRIATIVA
A economia criativa no setor cultural e sua contribuição ao desenvolvimento sustentável

48 SAGRADO INDÍGENA
Oração pela libertação dos Povos Indígenas

36 ECOLOGIA
Mãe nossa que estais na Terra

49 UNIVERSO FEMININO
"Qual é o mal de eu ser mulher?"
Irmã Juana Inés de La Cruz

37 CORREIO FEMININO
Cura de sono



Foto: Juliana Pesqueira/Amazônia Real/

O COLAPSO DAS ÁRVORES EM MANAUS

Nicoly Ambrosio

Para quem é de fora, pode ser difícil imaginar Manaus como uma cidade que não foi construída para se harmonizar com a floresta ao redor. Ocupada e urbanizada sob uma lógica colonial que tentou adaptar à força o modelo europeu de cidade, com ruas estreitas, calçadas ausentes e construções geminadas, Manaus herdou um traçado urbanístico que dificulta até hoje a presença de árvores de grande porte nas suas vias.

Por outro lado, quem vive aqui percebe as contradições do local que virou um emblema de contraste entre o natural e o concreto, e que por isso pouco lembra a Amazônia do imaginário brasileiro, formada por imagens de grandes porções de florestas cortadas por rios caudalosos.

Rodeada por um dos biomas mais biodiversos do planeta, a Amazônia, a capital amazonense viu desaparecer, por efeito de urbanização acelerada, várias espécies de árvores nativas como Ipês roxos e amarelos, Andirobas, Castanheiras, Sumaúmas e Copaíbas.

Hoje algumas delas sobrevivem apenas em pequenos refúgios de natureza urbana, como

a Reserva Florestal Adolpho Ducke, uma área protegida de 10 mil hectares de floresta amazônica sobreposta à zona Leste de Manaus, no bairro Cidade de Deus; e o Campus Senador Arthur Virgílio Filho, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), também na zona Leste, no bairro do Coroado.

O local possui uma área de aproximadamente 700 hectares de floresta preservada, que é considerada um dos maiores fragmentos verdes urbanos do mundo. Esta floresta urbana abriga uma biodiversidade de espécies que vai de árvores a animais, incluindo preguiças, borboletas, cutias pacas e macacos, além de animais raros como o gavião-real e o scuim-de-coleira.

Como as da Ufam e do Museu da Amazônia (Musa), as áreas verdes que ainda resistem em Manaus são, em sua maioria, resultado de iniciativas institucionais isoladas. Nesses locais, o ar parece mais leve, e os japiins, sanhaços, araçaris e araras ainda encontram alimento antes de riscar o céu em voos livres.

Mas, fora desses respiros verdes, o que se impõe é uma cidade sufocada pelo concreto e pelo asfalto, sem

a sombra das árvores que poderiam aliviar o peso do calor. Nos últimos anos, a vida dos manauaras se tornou desafiadora em meio a eventos climáticos extremos, como a seca severa durante dois anos consecutivos, em 2023 e 2024, e a fumaça tóxica das queimadas que cobriram o céu em um raio de cem quilômetros ao redor da cidade. Sem a trégua do calor intenso, que poderia ser esquecido debaixo de alguma árvore, a cidade caminha para um futuro apreensivo.

Mas como é que essa urbanização acelerada e pouco arborizada da maior cidade de toda a Amazônia sul-americana compromete o conforto térmico da população e a sobrevivência de espécies nativas de animais e plantas?

Buscamos levantar dados e evidências concretas que complementam as histórias dos manauaras sobre o problema nesta reportagem, que é resultado de um esforço colaborativo entre jornalistas e cientistas ambientais, como parte de uma iniciativa do Instituto Serrapilheira, do Brasil, e do Centro Latino-Americano de Investigação Jornalística (Clip), para



explorar as inter-relações entre a biodiversidade da Amazônia e os diversos serviços ambientais que ela proporciona ao continente.

A PERDA DA FLORESTA URBANA

Em Manaus, o cartão-postal da cidade é uma visão de ruas inteiras expostas ao sol escaldante, que se estendem por bairros onde não há sequer uma árvore para oferecer sombra. Às dez da manhã, o asfalto já reflete o mormaço com força, e é difícil fazer tarefas cotidianas na rua como ir à feira, ou mesmo dar um passeio pelo Centro Histórico da Cidade, nas redondezas do Teatro Amazonas.

Ao meio-dia, caminhar por algumas avenidas da zona leste, sul ou norte da cidade é como atravessar um deserto, trajetos que muitas vezes requerem esforço físico. A sensação térmica se aproxima dos 40 °C pelas calçadas rachadas, com tocos de árvores cortadas expostos.

Apenas 44,8% da área urbana de Manaus possui cobertura arbórea, revelou o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatís-

tica (IBGE), em seu levantamento das características urbanísticas do entorno dos domicílios, incluindo a arborização urbana.

Esse índice coloca a cidade como a sétima menos arborizada do país, atrás até mesmo de capitais ligadas ao agronegócio, como Campo Grande (91,4%), Goiânia (89,6%), Palmas (88,7%) e Cuiabá (74,5%), que apresentam as melhores taxas de arborização. Entre as capitais da região amazônica, além de Manaus, Belém (44,6%) e Rio Branco (39,9%) também figuram como locais com os menores percentuais de arborização urbana do país.

O IBGE considera vias arborizadas aquelas com ao menos uma árvore de 1,70m. Ainda de acordo com a pesquisa, apenas 13,9% dos domicílios manauaras estão em ruas com cinco ou mais árvores, uma evidência de que mesmo onde há algum grau mais avançado de arborização, ela é dispersa e insuficiente para produzir qualidade de vida na cidade.

Essas poucas árvores estão, além disso, distribuídas de forma desigual. Apenas 23,9% dos domicílios de Manaus estavam localizados em vias com

árvores, segundo o primeiro estudo do IBGE, feito em 2010, com o objetivo de conhecer a flora urbana no Brasil.

Nesses 12 anos entre os dois estudos, a cidade registrou um salto de cerca de 87% nesse indicador, atingindo a taxa atual de vias urbanas cobertas por pelo menos uma árvore. Essa melhora de índice pode ser parcialmente explicada pela implementação de políticas públicas recentes voltadas à arborização, como o Plano Diretor de Arborização Urbana (PDAU) e o programa Arboriza Manaus.

Ainda assim, os dados do Censo 2022 do IBGE não são animadores. As taxas mostram que a escassez de áreas verdes em grande parte da cidade amplia as desigualdades socioambientais e não reflete as ações tomadas pelo poder público nos últimos anos. Mais da metade da população manauara, que ultrapassa 2,2 milhões de habitantes, vive em ruas sem nenhuma árvore.

A revisão e a implementação do Plano Diretor de Arborização Urbana se mostram urgentes diante da insatisfação majoritária dos manauaras com a arborização urbana. Três em cada quatro moradores classifica-



Foto: Juliana Pesqueira/Amazônia Real/



Ilustração: Vitor Maia/Amazônia Real/

ram a arborização da cidade como ruim ou muito ruim, segundo uma pesquisa publicada em 2022 na revista *Lifesyle Journal* e conduzida por pesquisadores da Ufam. Apenas 3% a consideraram muito boa.

Durante a apuração desta reportagem, percorremos a zona sul de Manaus no Centro, um dos bairros mais antigos e populosos da capital, com aproximadamente 39.228 habitantes, conforme o Censo 2022 do IBGE. Segundo análises coletadas ao longo da investigação pelos cientistas vinculados ao programa de formação em ecologia quantitativa do Instituto Serrapilheira, que apoiam a análise de dados desta reportagem, essa região histórica, que deveria ter infraestrutura consolidada, ainda carece de arborização urbana adequada. Os dados apontam que apenas 14,62% do Centro tem cobertura arbórea.

Em muitas ruas, observamos árvores mortas ou cortadas até o toco, expostas como vestígios de um verde que não resistiu. Árvores tombadas durante temporais na cidade destruíram calçadas, causaram prejuízos a comerciantes e transtornos a

pedestres e moradores. Em meio ao calor intenso, era visível o esforço coletivo das pessoas para encontrar alguma sombra onde pudessem se proteger do sol.

Mesmo em praças e parques públicos, que em tese deveriam concentrar vegetação e ser espaços para lazer da população, a cobertura arbórea é irregular e insuficiente. Em locais como a Praça Antônio Bittencourt, conhecida como Praça do Congresso, predominam árvores paisagísticas que fornecem sombra moderada, mas não o suficiente para refrescar o ambiente nas horas mais quentes do dia. Há também árvores de grande porte, como acácias.

Sentada em um dos bancos do local, que é tradicional da cidade desde o começo do século 20, estava a professora Celibete Catarina Dutra, de 57 anos, se refrescando na sombra da praça em uma pausa. "O sol é tão quente e quando a gente para no sinal é naquele sol fervendo. Não tem nenhuma árvore, nenhuma árvore existe nessas vias, nessas calçadas. Não tem", disse ela.

Celibete revela que o calor lhe causa problemas de pressão alta,

por isso evita sair no horário em que o relógio marcava no momento da nossa conversa, às três horas da tarde. Questionada sobre seu desejo enquanto cidadã para a arborização urbana, a professora exigiu o plantio de mais árvores.

"O Alfredo Nascimento [ex-prefeito de Manaus] mandou tirar todas as árvores e colocou aquelas palmeiras, que depois com calor e chuva ficaram podres e foram caíndo. E ficamos sem árvores de vez", disse ela relembrando o caso das palmeiras imperiais plantadas na cidade durante a gestão do ex-prefeito, em 2004.

De 120 palmeiras imperiais plantadas na avenida Djalma Batista, 98 apresentaram atrofia e seis morreram, levando à retirada de todas em 2010. Especialistas atribuíram esses problemas à escolha inadequada de espécies não nativas e à falta de manutenção adequada, como irrigação e adubação.

As palmeiras imperiais, que são originárias das Antilhas, já foram consideradas "rainhas" do paisagismo urbano em Manaus e foram usadas na rearborização de avenidas

como a Djalma Batista, na zona Centro-Sul, Max Teixeira, na zona Norte, e Grande Circular, na zona Leste.

A CIDADE QUE ESQUENTA POR DENTRO

Esse desaparecimento silencioso de árvores contribui para o agravamento do que os cientistas chamam de ilhas de calor urbanas, regiões onde as temperaturas são significativamente mais elevadas em comparação com áreas rurais vizinhas. Isso ocorre principalmente devido à predominância de materiais como o asfalto em edifícios, que absorvem e liberam calor lentamente ao longo do dia e da noite.

Em Manaus, o calor está aumentando. Em outubro de 2023, a cidade registrou a marca de 39,2°C, temperatura mais alta em 32 anos, conforme o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). Naquele ano, Manaus e o Amazonas enfrentaram a maior estiagem da história.

Em setembro de 2024, a marca dos dias mais quentes do ano se repetiu, com a temperatura alcançando 39 °C. A sensação térmica foi superior a esse valor, chegando a 41 °C. A máxima foi registrada pela estação automática do órgão por volta das 15 horas do dia 18 de setembro.

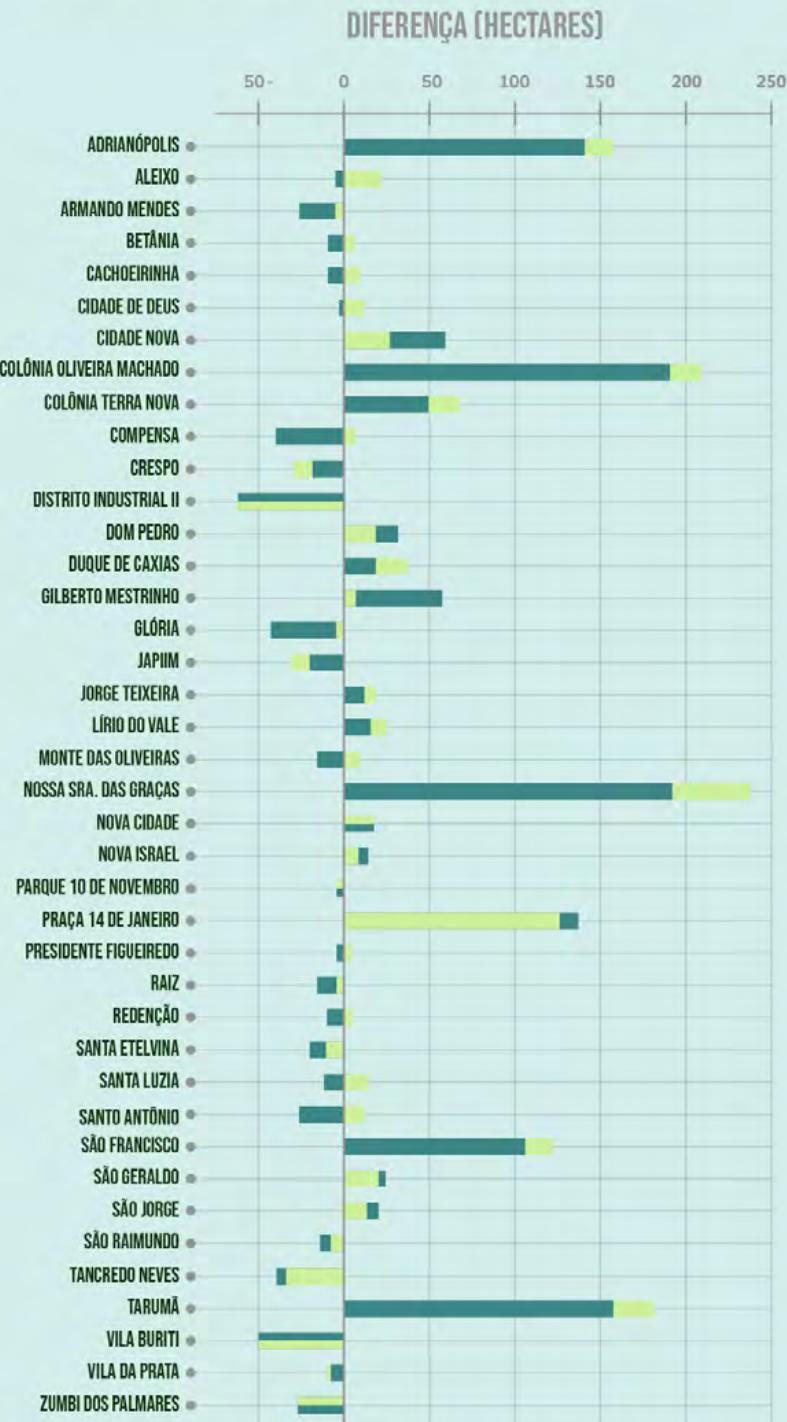
A vegetação urbana, além de embelezar a cidade, atua como barreira térmica natural, regula a umidade do ar, ameniza extremos climáticos e oferece conforto ambiental. Quando essas áreas são suprimidas, o efeito imediato é o aumento das ilhas de calor.

"A ausência de áreas verdes reduz a capacidade de resfriamento natural do ambiente, aumentando a temperatura e diminuindo a umidade relativa do ar. Isso resulta em maior desconforto térmico para a população, especialmente durante ondas de calor, afetando a saúde e o bem-estar dos habitantes", explica o climatologista Leonardo Vergasta.

Segundo o pesquisador do Laboratório de Modelagem do Sistema Climático Terrestre (LabClim) da Universidade do Estado do Amazo-

DIFERENÇA ENTRE ÁREA EXISTENTE E ÁREA IDEAL POR BAIRRO

FONTE: Censo do IBGE 2010, SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INovaçãO, GUO ET AL. (2021), ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) E SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARBORIZAÇÃO URBANA (SBAU)



 DIFERENÇA SBAU

 DIFERENÇA OMS

nas (UEA), o clima na Amazônia é caracterizado por altas temperaturas e elevada umidade relativa do ar, portanto a vegetação densa contribui para a regulação térmica e a manutenção da umidade.

"A perda dessa cobertura vegetal compromete esses equilíbrios, tornando a cidade mais suscetível a extremos e desconforto térmico. Pesquisas indicam que a presença de árvores pode reduzir a temperatura do ar em até 2,5 °C, dependendo da densidade da copa e da distribuição das árvores", ressaltou.

O desmatamento urbano em Manaus interfere diretamente nos padrões de circulação do ar, afetando a ventilação natural e a dispersão de poluentes. Essas percepções não se sustentam apenas na observação empírica. Estudos científicos feitos pelo LabClim confirmam a gravidade da situação climática da capital amazonense.

A cidade já enfrenta alterações significativas no balanço de energia e temperatura superficial por conta da expansão urbana e da supressão de vegetação nativa, segundo um estudo do laboratório publicado

em 2024 na *Revista Brasileira de Meteorologia*, que utilizou modelos climáticos para simular os efeitos das mudanças no uso e cobertura da terra em Manaus entre 2009 e 2019.

A diferença de temperatura entre zonas arborizadas e densamente construídas pode ultrapassar 10 °C durante o dia e 7,2 °C à noite, segundo outra pesquisa conduzida por cientistas do LabClim, publicada em 2016 na *Revista Geonorte*, que analisou a formação de ilhas de calor na cidade por meio de modelagem e dados observacionais.

"A presença de cobertura vegetal reduz a temperatura do ar e das superfícies, diminuindo a sensação térmica. Em contrapartida, áreas sem vegetação tendem a ser mais quentes devido à maior absorção de calor por superfícies impermeáveis, aumentando o desconforto térmico da população", comenta Vergasta.

Em uma projeção de cenários futuros de emissões elevadas, a cidade pode enfrentar anomalias de temperatura superiores a +10 °C e uma redução de até 50% na precipitação em determinadas áreas. Vergasta reforça que, diante deste cenário,

a vegetação nativa da Amazônia tem vantagem sobre outras espécies exóticas quando o assunto é adaptação climática urbana.

Para o climatologista, mitigar os efeitos do calor extremo em Manaus exige ações integradas que coloquem a infraestrutura verde no centro do planejamento urbano. Uma das ações prioritárias, segundo ele, é a implementação de programas de arborização urbana, focados no plantio de espécies nativas que se adaptem às condições locais e contribuam para a criação de corredores ecológicos.

QUANDO O CALOR ADOECE

Na Praça Desembargador Paulo Jacob, situada próxima aos prédios do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Proksamim) do Centro e à avenida Igarapé de Manaus, a paisagem é ainda mais crítica. A ausência de árvores frondosas que ofereçam conforto térmico como sombra e vento se soma à presença de lixo, mau cheiro e sinais de abandono por parte do poder público.

Morador de um bairro quase sem árvores como é o Coroado,



Foto: Juliana Pesqueira/Amazônia Real/

na zona Leste da capital, o vigilante Nédio Souza, de 38 anos, é uma das pessoas especialmente vulneráveis à crise climática, já que trabalha o dia inteiro exposto ao sol. "A gente que está na rua sente a pancada do calor, as árvores ajudam a dar sombra", diz.

Lidiane Pereira, jardineira de 38 anos, também complementa o relato afirmando que o calor lhe faz sentir falta de ar. "Como foi durante aqueles tempos de seca e fumaça, a gente teve dias mais quentes para trabalhar, foi muito complicado. Eu fiquei com falta de ar muitas vezes", declarou.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda que as cidades ofereçam pelo menos 12 metros quadrados de área verde por habitante. A Sociedade Brasileira de Arborização Urbana propõe uma meta ainda mais ambiciosa: 15 metros quadrados de área verde por habitante.

A ausência de vegetação compromete diretamente o conforto térmico e afeta a saúde pública. Segundo o epidemiologista e pesquisador da Fiocruz Amazônia, Jesem Orellana, "o calor extremo é um conceito que toma em conta temperaturas anormalmente altas e ameaçadoras para a saúde humana, as quais podem ser ainda mais ameaçadoras em determinadas áreas geográficas que favorecem temperaturas ainda maiores, as chamadas ilhas de calor".

O pesquisador alerta que durante episódios extremos de calor, a insolação se torna ainda mais provável, podendo evoluir para casos graves como exaustão, que favorece a ocorrência de outros problemas de saúde, como a desidratação, ataques cardíacos ou derrames cerebrais.

Grupos como idosos, crianças e pessoas com doenças crônicas são os mais vulneráveis. Os sintomas podem variar de forma sutil até quadros graves, incluindo transpiração intensa, tontura, confusão, convulsão e até infarto ou morte, por exemplo. Embora Manaus ainda não registre dados alarmantes, Jesem ressalta a importância da prevenção. "Não podemos ignorar tragédias como a

ocorrida na França em 2003, quando cerca de 19 mil morreram devido ao calor extremo daquele verão", disse.

Entre as medidas de adaptação ao calor, ele defende uma abordagem intersetorial, com atuação conjunta entre meteorologia, urbanismo e saúde, como a implementação de planos de contingência que permitam o monitoramento de ameaças, com sinais de alerta e padrões de resposta sanitária compatíveis. Para a população, recomenda-se evitar atividades físicas vigorosas, manter-se hidratado, usar roupas leves e claras, buscar áreas sombreadas e ventilar os ambientes.

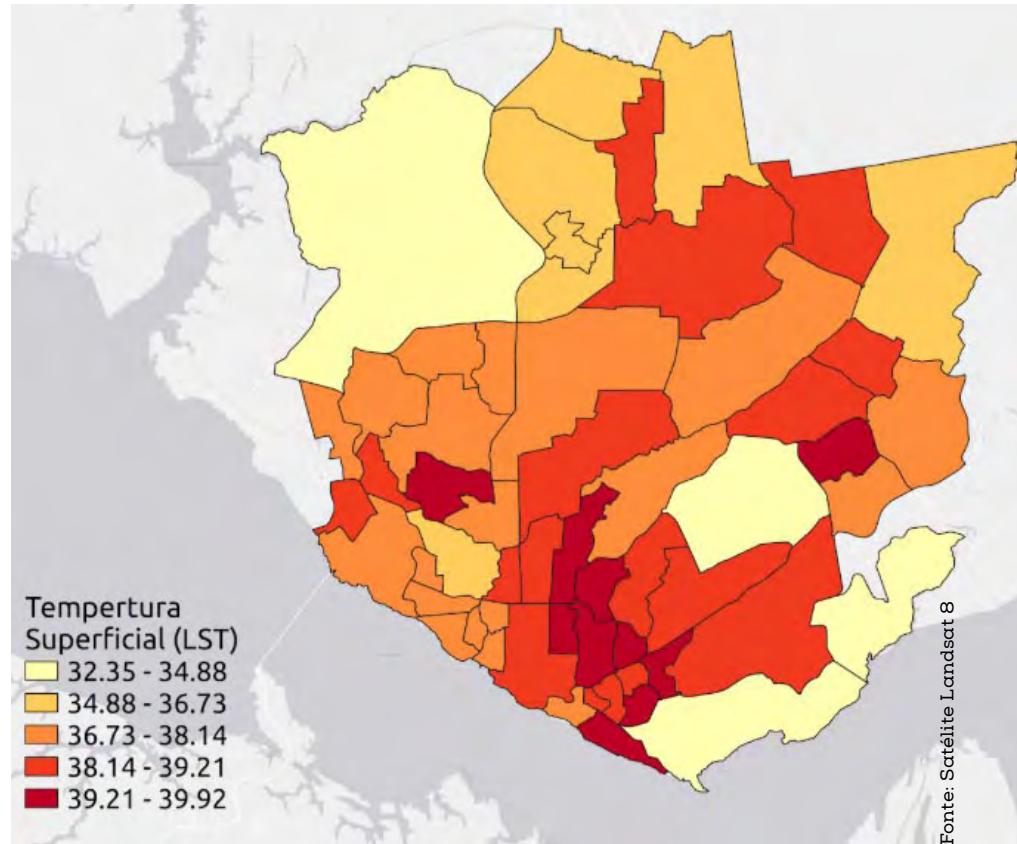
Políticas de arborização urbana, afirma o pesquisador, têm papel central na mitigação do calor extremo. Segundo ele, o planejamento urbano deve priorizar a infraestrutura verde. "Áreas arborizadas com maior ventilação e qualidade do ar assegurada reduzem os efeitos negativos dos extremos de calor. Ademais, áreas com pouca infraestrutura urbana, como favelas e áreas degradadas, também favorecem esses efeitos negativos".

CALOR E DESIGUALDADE: O QUE DIZEM OS DADOS?

Bairros com maior densidade populacional, como Novo Aleixo, Cidade de Deus, Compensa, Colônia Terra Nova e Gilberto Mestrinho, concentram maior área total de vegetação, mas, proporcionalmente, esses espaços verdes ocupam uma fração menor do território, segundo dados levantados pelos cientistas Carson Silveira (UFRJ), Luana Costa (UFLA), Weslley Cunha (Ufam) e Théo Arueira (UFRJ).

Ou seja, onde há mais gente, há menos vegetação por metro quadrado. Os cientistas chegaram a essa conclusão a partir da análise da distribuição da cobertura arbórea nos bairros de Manaus e sua relação com variáveis como renda, população e temperatura da superfície. A partir de mapas de vegetação urbana, os pesquisadores do programa de formação em ecologia quantitativa do Instituto Serrapilheira calcularam a porcentagem e a área total de cobertura arbórea por bairro.

Com imagens de satélite Landsat entre os anos de 2018 e 2020, os



A SOMBRA (NÃO) É PARA TODOS: DISTRIBUIÇÃO DE ÁRVORES EM BAIRROS DE MANAUS

MAIS ARBORIZADOS MENOS ARBORIZADOS

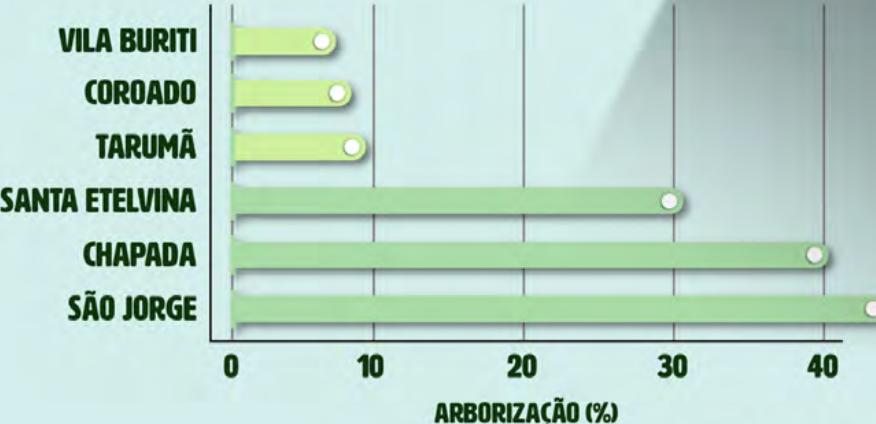


Gráfico: Nathá Lucas/Amazônia Real/

FONTE: DADOS DE MAPEAMENTO DE COBERTURA ARBÓREA DE GUO ET AL. (2021)

cientistas calcularam a temperatura média da superfície terrestre na cidade. A renda média apresentou pouca correlação com as variáveis ambientais, mas os dados indicam uma tendência de que bairros com maior renda registram temperaturas mais altas e população menor, o que se confirma também no cruzamento com o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), disponibilizado pelo Atlas Brasil (PNUD), com valores referentes às diferentes regiões da cidade, que é a menor escala disponível para esse indicador.

Bairros ricos como Adrianópolis, Parque 10 de Novembro, Vieiravales, Aleixo e Nossa Senhora das Graças, onde a renda média mensal dos habitantes é de R\$ 3 mil a R\$ 4 mil, também são vulneráveis ao calor, superando os 36 graus de temperatura média, embora tenham mais meios para mitigá-lo com infraestrutura, como o uso de ar-condicionado.

Segundo o levantamento feito a partir da porcentagem de números de árvores por bairro, os bairros com maior quantidade estimada de árvores são São Jorge (45,57%), Chapada (40,31%) e Santa Etelvina (32,99%).

Estes três bairros somam uma cobertura arbórea significativamente superior à maioria da cidade, embora isso não signifique, necessariamente, que toda a população desses bairros tenha acesso igual ao verde urbano. Já os bairros com menor quantidade de árvores são Vila Buriti (6,66%), na zona Sul, Tarumã (8,63%), na zona Oeste, e Coroado (8,13%), na zona Leste.

De forma geral, a distribuição da vegetação e do calor na cidade não está fortemente ligada a indicadores socioeconômicos, segundo os pesquisadores. Isso sugere que fatores como uso do solo e planejamento urbano podem ter maior influência sobre a arborização e o microclima local.

Alguns bairros periféricos como Tarumã-Açu, Puraquequara, Distrito Industrial II, Lago Azul e Colônia Antônio Aleixo, embora oficialmente classificados como urbanos, foram sub-representados no mapeamento devido ao baixo grau de impermeabilização do solo. Nessas áreas, a vegetação nativa ainda resiste, o que reforça uma realidade observada em diversas cidades da Amazônia.

Diferente de cidades do Sudeste brasileiro ou do Norte global, onde

bairros ricos concentram mais áreas verdes e os pobres são privados desse direito, em Manaus as populações de baixa renda muitas vezes vivem próximas a fragmentos florestais e corpos de água, como os igarapés, pois foram empurradas para a borda da urbanização, onde ainda há vestígios de mata.

Como ressalta um dos pesquisadores, o biólogo Weslley Cunha, pesquisador da Ufam, há ainda um uso informal desses fragmentos verdes por populações vulneráveis. "Já visualizei pontos de caça dentro do fragmento [de floresta] da Ufam, uma barraca onde alguém morava no Parque Estadual Sumaúma, e a invasão de uma pessoa entorpecida, em clara situação vulnerável no Refúgio Sauim Castanheiras", relata. Segundo ele, essas áreas funcionam tanto como abrigo quanto como espaço de recreação ou sobrevivência, o que amplia a complexidade da relação entre desigualdade e conservação urbana.

Entre 2010 e 2025, o investimento total em "Implementação de Paisagismo e Arborização Urbana" somou cerca de R\$ 25 milhões em valores nominais, segundo os documen-

tos enviados pela Semmasclima e analisados pela reportagem. Corrigido pela inflação, esse montante equivale a aproximadamente R\$ 60,2 milhões em valores de 2025.

Os investimentos, no entanto, oscilaram bastante ao longo dos anos. Em 2017, por exemplo, foram aplicados apenas R\$ 4 mil – valor que, atualizado para 2025, representa cerca de R\$ 6 mil. Já em 2021, os repasses ultrapassaram os R\$ 2 milhões, o que corresponderia hoje a aproximadamente R\$ 3,8 milhões.

Em 2023 e 2024, cerca de R\$ 19 milhões foram destinados à arborização urbana e implementação de paisagismo. No entanto, a Semmasclima não esclareceu se os valores destinados foram completamente usados nessas ações. Em 2023, cerca de 53 árvores de oito espécies, entre Ipê-Rosa e Palmeira-Imperial, foram cortadas para a construção de uma passarela e alargamento da Avenida Efigênio Sales, na zona Centro-Sul de Manaus.

O Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam) autorizou

à Secretaria Municipal de Infraestrutura (Seminf) a retirada das árvores, que ficavam nas imediações do corredor ecológico Portal Asa Branca, uma Zona de Controle Especial (ZCE) construída para proteger de atropelamentos a espécie periquito-de-asas-brancas.

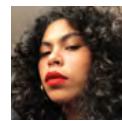
Um dia após a derrubada dessas árvores, a Prefeitura lançou o Programa de Arborização e Conservação Florestal, o Manaus Verde. Na época, foi anunciada a meta de plantar 20 mil mudas na capital amazonense e investir cerca de meio bilhão de reais na limpeza dos igarapés poluídos da cidade.

O prefeito David Almeida também oficializou a criação da Comissão Municipal de Mudanças Climáticas, encarregada de conduzir a elaboração do Plano de Ações Climáticas de Manaus, o que nunca foi cumprido. Ele próprio presidiria a comissão, composta por representantes de 15 unidades da administração municipal.

Desde 2023, a Semmas constrói uma nova sede do órgão dentro do

parque municipal Ponte dos Bilhares, um parque urbano localizado às margens do igarapé do Mindu, entre as avenidas Constantino Nery e Djalma Batista. A obra gerou alarde público dos moradores e frequentadores do local, que temem a derrubada de mais árvores até a finalização do prédio.

Para a construção da nova sede da Semmas, foi necessário o remanejo de árvores. Elas foram retiradas de um local, para serem colocadas em outros, tudo dentro do próprio parque, o que, segundo a Prefeitura, não gerou perda de vegetação.



Nicoly Ambrosio – Jornalista. Fotógrafa independente na cidade de Manaus. Escreve sobre violações de direitos humanos, conflitos no campo, povos indígenas, populações quilombolas, racismo ambiental, cultura, arte e direitos das mulheres, dos negros e da população LGBTQIAPN+ do Norte. Materia publicada originalmente (com edições, por limitação de espaço) no *Amazonia Real*

<https://amazoniareal.com.br/especiais/arvores-em-manaus/>



Foto: Julianne/Pesqueira/Amazônia Real

O SAUIM-DE-COLEIRA E A BIODIVERSIDADE ENCURRALADA

Nicoly Ambrosio

O sauim-de-coleira (*Saguinus bicolor*) tem um padrão de coloração marcante composta por uma faixa branca de pelos que se estende do peito até o pescoço, formando a "coleira" que inspira seu nome popular. Esse pequeno sagui vive em grupos de 2 a 13 indivíduos, alimentando-se de frutas, flores, néctar, insetos e, ocasionalmente, ovos de aves. À noite, costumam se aninhar na base de folhas de grandes palmeiras, um abrigo natural para cuidar de seus filhotes, que geralmente nascem aos pares, após uma gestação de pouco mais de cinco meses.

O sauim vive hoje em uma área reduzida a apenas 7,5 mil km² nos municípios de Manaus, Rio Preto da Eva e Itacoatiara. A redução de seu habitat natural, impactado pela expansão urbana de Manaus, fez com que a população de sauins fosse diminuída em 80% desde 1997.

Hoje ele é considerado um dos mamíferos mais ameaçados do bioma amazônico, é classificado como criticamente ameaçado na lista vermelha de espécies ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Também foi incluído na lista dos 25 primatas mais ameaçados, que é elaborada por mais de 100 cientistas e conservacionistas desde 2000.

O sauim é uma espécie exclusivamente florestal, que apesar de supor tar sobreviver em florestas perturbadas, precisa de floresta. "Não adianta você ter uma vegetação totalmente introduzida com poucas espécies ou não ter vegetação adequada para essa espécie", diz o biólogo Marcelo Gordo, professor da Ufam e coordenador do Projeto Sauim-de-Coleira, que monitora a espécie há décadas.

Segundo ele, os sauins vivem em grupos e possuem dois tipos principais de deslocamento: os movimentos diários dentro do seu território, em busca de alimento e abrigo, e os



Foto: Diogo Lagroteria Reprodução

movimentos de dispersão, quando indivíduos deixam seus grupos em busca de novos territórios. "Quando eles estão perto das residências, onde tem quintais, jardins, eventualmente eles vão até essa vegetação dos quintais para buscar alimento.

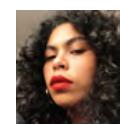
Às vezes eles vão ali pegar uma manga, comer bananas que a pessoa plantou e outras frutas que podem ter vindo dos quintais". Com o avanço urbano e a fragmentação dos remanescentes florestais, os deslocamentos se tornam arriscados.

Os macacos atravessam trechos da cidade como as avenidas e as ruas, seguindo quintais ou Áreas de Proteção Permanente (APPs) com vegetação, mesmo que pouca, para tentar fazer essas travessias. dessa forma, a espécie é vulnerável a agressões, atropelamentos, eletrocussão e ataques de cães domésticos.

A arborização urbana poderia funcionar como uma ponte verde para esses animais. "Quando a gente tem uma boa vegetação nas ruas, avenidas, parques, praças, quintais... esses lugares passam a ser pontos de conexão. Se você não tem conexão contínua, pelo menos você tem uma conexão parcial. São pontos de trampolim, vamos dizer assim", segundo Gordo.

Apesar da adaptação parcial ao ambiente urbano, o biólogo alerta para as perdas invisíveis. "A gente vai perdendo animais, vai perdendo grupos. Se antes eu tinha pedaços de floresta de 100 hectares e hoje virou 10, tenho certeza que perdemos vários grupos", alertou.

Estima-se que restem cerca de mil indivíduos de sauins na zona urbana de Manaus. Em junho de 2024, um Refúgio de Vida Silvestre (Revis) foi criado para preservar o habitat do sauim-de-coleira no município de Itacoatiara, com uma área de cerca de 15 mil hectares. Essa categoria de unidade de conservação (Revis) não impõe restrições ao domínio privado dentro de seus limites, conforme as regras do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).



Nicoly Ambrosio – Jornalista. Fotógrafa independente na cidade de Manaus. Escreve sobre violações de direitos humanos, conflitos no campo, povos indígenas, populações quilombolas, racismo ambiental, cultura, arte e direitos das mulheres, dos negros e da população LGBTQIAPN+ do Norte. Materiais publicados originalmente (com edições, por limitação de espaço) no Amazonia Real

<https://amazoniareal.com.br/especiais/arvores-em-manaus/>



Foto: Divulgação-Apib

MARCO TEMPORAL E AGRONEGÓCIO TORNAM TERRAS INDÍGENAS ZONAS DE GUERRA

O avanço da tese do marco temporal e do agronegócio sobre territórios tradicionais tem transformado as terras indígenas em zonas de conflito. "Milícias de grupos armados fazem emboscada e atacam. É como uma zona de guerra", compara a antropóloga Lúcia Helena Rangel, assessora do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

O Cimi lançou, em 28 de julho, o Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil, que revelou o assassinato de 211 indígenas em 2023. Diante dos números, Rangel denuncia a permanência de práticas brutais contra os povos originários em todo o país.

"Nós tivemos, no ano passado, dois casos de dois meninos que foram marcados a ferro, como se fossem escravos. É um grau de maldade que não anda pra

frente. Em vez de melhorar, não melhora", lamenta. A declaração foi dada em entrevista ao *Conexão BdF*, da Rádio Brasil de Fato.

A antropóloga aponta o agronegócio como principal vetor da violência, especialmente em estados como Roraima, Amazonas e Mato Grosso do Sul. "O agronegócio é o principal instigador dessas invasões de terra, como se precisasse de mais terra. Tem milhões e milhões de hectares

plantados. E o alvo é a terra indígena, que não é respeitada por ninguém", afirma.

MARCO TEMPORAL: “FICÇÃO PARA A OCUPAÇÃO DE TERCEIROS”

A aprovação da Lei 14.701, que institui o marco temporal, também é questionada. "Esse marco não existe. Qual é o marco? É 1500, então? Não tem. É uma ficção criada para abrir mais as terras indígenas à ocupação de terreiros", denuncia, citando o início do período pré-colonial, quando houve o primeiro contato entre colonizadores e indígenas no país.

Para Rangel, a medida não reduziu conflitos; ao contrário, intensificou as invasões armadas e o sofrimento. "Eles entram com caminhão, com trator, com máquinas bem violentas, e entram armados, atirando", relata.

Segundo a antropóloga, a criação de uma câmara de conciliação pelo ministro Gilmar Mendes, no âmbito do Supremo Tribunal Federal (STF), apenas ampliou a insegurança. "Ela só serve para travar processos e facilitar ocupações. Parecia que ia melhorar, e piorou tudo, volta tudo para trás. A vontade política aqui no Brasil é para piorar, pra tirar direitos, pra maltratar, pra violar", critica.

EXPLORAÇÃO ILIMITADA

A situação também se agrava com o avanço do "PL da Devastação", que pode abrir caminho para a mineração e exploração econômica em terras indígenas. "Essa lei abre as terras para exploração de tudo. O Brasil é rico em minérios, mas só explora. Quem ganha é quem vende. A população do entorno não vê benefício al-

gum", critica Rangel. A proposta foi aprovada no último dia 17.

O relatório do Cimi ainda chama atenção para os riscos crescentes enfrentados pelos povos indígenas isolados, com 119 registros apenas na Amazônia Legal. "Está cada vez mais difícil manter qualquer forma de proteção. Essas terras estão sendo exploradas de forma desordenada, com foco em ganhos imediatos", aponta a antropóloga.

Fonte: Brasil de Fato via <https://bancariosdf.com.br/portal/>



Foto: Fabio Rodrigues-Pozzebom/ Agência Brasil

BRASIL OUTRA VEZ FORA DO MAPA DA FOME

Redação Focus Brasil



Foto: MEC



Com menos de 2,5% da população em subnutrição, país cumpre meta antes do previsto; em dois anos, 24 milhões saíram da insegurança alimentar.

É a segunda vez na história que o Brasil sai do Mapa da Fome por um governo petista – a primeira vez foi em 2014, com Dilma Rousseff, após mais de uma década de políticas públicas de êxito. Vinte anos depois de colocar o combate à fome no centro da política nacional, Luiz Inácio Lula da Silva vê novamente o país deixar a lista da ONU de nações com subalimentação crônica.

O relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2025”, divulgado pela FAO nesta segunda-feira (28), confirma: com menos de 2,5% da população em situação de subnutrição, o Brasil está fora do Mapa da Fome. A meta, que constava no programa de governo de Lula, foi atingida dois anos antes do previsto.

O dado, calculado com base na média dos anos de 2022 a 2024, revela um esforço intenso de reconstrução institucional e combate à miséria. Em apenas dois anos, o país conseguiu reverter um dos legados mais dramáticos do bolsonarismo: a volta da fome em massa.

A insegurança alimentar grave, que atingia mais de 33 milhões de brasileiros em 2021, recuou a patamares históricos. Foram retiradas da fome cerca de 24 milhões de pessoas até o fim de 2023.

Segundo a FAO, estar no Mapa da Fome significa ter mais de 2,5% da população em subalimentação crônica, ou seja, sem acesso regular a calorias mínimas para uma vida saudável.

O Brasil havia deixado essa lista em 2014, ao final do ciclo de expansão das políticas sociais inauguradas por Lula e mantidas por Dilma Rousseff. Voltou em 2021, sob o impacto do desmonte de programas sociais, dos cortes

de orçamento e da gestão negacionista durante a pandemia. Com o retorno da fome e a explosão da pobreza extrema, o país viu retroceder conquistas que haviam se tornado referência mundial.

A RECONSTRUÇÃO COMO RESPOSTA

Em seu terceiro mandato, Lula colocou a fome novamente como prioridade nacional. Criou o Plano Brasil Sem Fome, restaurou o Bolsa Família, ampliou o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e promoveu ações interministeriais voltadas à segurança alimentar, ao combate à desigualdade e à geração de renda.

A atuação conjunta dos ministérios garantiu foco na equidade de gênero, com políticas voltadas a mulheres rurais, comunidades tradicionais e famílias em situação de vulnerabilidade.

O impacto foi imediato. Em 2024, o desemprego caiu a 6,6%, a menor taxa desde 2012, e a renda dos 10% mais pobres cresceu 10,7%, ritmo 50% superior ao dos 10% mais ricos. A classe média, pela primeira vez em anos, voltou a crescer, atingindo 52% da população. O índice de Gini, que mede a desigualdade, caiu para 0,506, o menor da série histórica. O Brasil também bateu recorde de rendimento domiciliar per capita, que alcançou R\$ 2.020.

Programas como o CadÚnico e o Bolsa Família foram decisivos: 98,8% das 1,7 milhão de vagas de trabalho com carteira assinada em 2024 foram preenchidas por pessoas inscritas nos programas sociais, das quais 75,5% eram beneficiárias do Bolsa Família.

Em julho de 2025, cerca de 1 milhão de famílias deixaram de precisar do programa, evidência de que a inclusão produtiva e a retomada do emprego estão surtindo efeito real na vida das pessoas.

A MARCA DE LULA E O PAPEL DO ESTADO

Ao celebrar a conquista com o diretor-geral da FAO, Qu Dongyu, Lula afirmou: “Hoje sou o homem mais feliz do mundo. E quero ser um soldado mundial no combate à fome e à pobreza”. Em setembro de 2024, o presidente recebeu o Prêmio Goalkeepers, da Fundação Bill e Melinda Gates, por seu histórico de combate à fome.

O reconhecimento internacional reforça uma evidência: justiça social exige a presença do Estado. Para o ministro Wellington Dias, do Desenvolvimento e Assistência Social, a saída do Mapa da Fome representa o cumprimento da missão central do governo.

“É o Brasil vencendo. A redução da miséria para menos de 4,4%, o menor índice da história, mostra que políticas públicas bem aplicadas mudam destinos.”

A superação da insegurança alimentar, além de restaurar a dignidade de milhões, reafirma a centralidade da política pública. O combate à fome não é retórica, é resultado. E quando o povo volta a comer, o Brasil volta a ser país.

Fonte: <https://fpabramo.org.br/focusbrasil/2025/07/29/focus-brasil-200-brasil-deixa-mapa-da-fome/>



Foto: TaQuiPrati

SISTEMA ANTI-HACKER DEFENDE SITE TAQUIPRATI

José Bessa Freire

Parecia até uma Faixa de Gaza digital. No domingo (29/06), o hacker invadiu o nosso blog *Taquiprati* e, confiado na impunidade, começou a eliminar crônicas inocentes (nem sempre) lá postadas.

O criminoso de computador detonou uma, duas, três... e deixou suas impressões digitais, ideológicas e linguísticas escritas em inglês, como sói acontecer, revelando suas origens através de imagens. Uma delas trazia troca de beijos na boca entre Xandão e Lula. A outra, uma frase em inglês, algo assim como:

- *O Matador do Labirinto ferrou teu site.*

É uma referência ao cantor e rapper inglês Timothy Lee, cujo nome

artístico é *Labrinth*. A ilustração se refere ao álbum *I want to kill somebody*. Ele queria mesmo matar meu site. Só não conseguiu porque os ataques digitais foram bloqueados pelo Sistema Antihacker Ronan-Amaro, uma espécie de *Domo de Ferro* do Bem. Como o provedor faz back-up de todas as crônicas foi possível recuperar as que foram eliminadas.

Estou fazendo Boletim de Ocorrência na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática, para que identifiquem o hacker criminoso no submundo do computador e investiguem sobretudo o mandante do crime cibernético, que sempre deixa rastro. Está tudo documentado: prints, fotografias do endereço virtual,

perfil do hacker. Vou acompanhar o processo na Justiça para fazer o rastreamento e exigir a remuneração por danos morais e materiais.

Esperamos que a resposta das autoridades seja tão rápida e eficaz quanto foi com os bancos. Afinal, quando sequestraram sistemas financeiros na quarta-feira (02/07), equipes de cibersegurança, Polícia Federal e ministérios se moveram em tempo recorde. Por que seria diferente agora, com o sequestro de crônicas, ideias e liberdade de expressão? Modesto e insignificante, circunscrito a um reduzido, mas sensível grupo de leitores, o blog *Taquiprati* não merece o zelo institucional dispensado ao PIX fora do ar?



O backup do blog tem uma lista-gem com mais de 1.700 textos escritos desde 1967. Os mais antigos são poucos e ainda estão em processo de postagem. Foram publicados em diferentes órgãos de imprensa nos quais atuei: Agência de Notícias ASAPRESS, jornais *O SOL*, *O Paiz*, *Correio da Manhã*, o semanário *Opinião* do qual fui correspondente em Paris, o jornal mensal *Porantim* – Em defesa da Causa Indígena e até o diário francês *L'Ardenais de Charleville-Mézières*.

No entanto, a maior parte das crônicas foram publicadas em três jornais de Manaus: *A Crítica*, *Diário do Amazonas*, *Jornal do Norte*, nos quais mantive, de forma alternada, coluna semanal por mais de 40 anos. Esse espaço do blog é que foi invadido e defendido aguerridamente pelo nosso Sistema Antihacker.

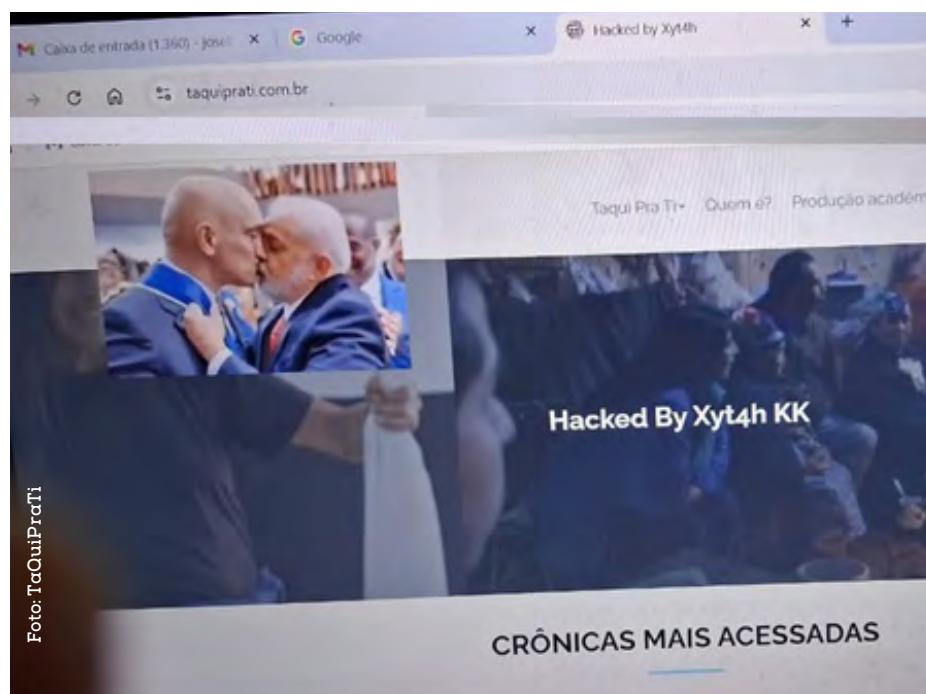
Agradeço leitor@s, amig@s e parentes que se solidarizaram nas redes sociais. A carta abaixo de um sobrinho escritor, cujo texto *Trocar números por palavras* foi detonado do site, é representativa desse apoio. Gratidão à jornalista e escritora Dinah Ribas Pinheiro, especialista em Jornalismo Cultural. Ex-assessora da Fundação Cultural de Curitiba e da Escola do Teatro Bolshoi de Joinville, é autora do livro *Teatro de Bonecos Dadá: Memória e Resistência*. Ela manifestou seu apoio no *Mural do Paraná*.

O próximo texto da fila a ser hackeado era *Cineastas Indígenas: Língua e Memória – Alberto Tupá Ra'y, o caçador de imagens*. Por isso, sem saber da existência do sistema Antihacker, o *Mural do Paraná* decidiu publicá-lo. <https://muraldoparana.com.br/cultura-um-cronista-haqueado-no-blog-taqui-pra-ti/>

CARTA A UM TIO HACKEADO

Tio,

Se eu fosse um pouco mais ingênuo, diria que foi coincidência. Que o *taquiprati.com.br* – esse espaço valente onde o senhor defende o povo



manauara, os povos indígenas e denuncia os desmandos dos coronéis políticos do Amazonas – foi hackeado por puro acaso. Um erro de algoritmo, um bug do destino, um cupim digital que resolveu roer o servidor.

Mas não somos ingênuos.

Não somos – e nem podemos ser – vivendo neste Brasil surreal onde a gente acorda com Carla Zambelli correndo armada atrás de um jornalista em São Paulo, como se fosse uma Lara Croft de tornozeleira eletrônica. Onde o hacker de Araraquara, agora detido, virou um justiceiro involuntário: um Robin Hood digital que, em vez de arco e flecha, empunha senhas alheias e entrega segredos de gente graúda em Powerpoints mal formatados.

Pois bem, no meio de tanta bizarrice, aconteceu uma daquelas coincidências que nem Freud explica – mas talvez a Polícia Federal explique (um dia, quem sabe, se não for atrapalhada por um despacho de gabinete). Seu site foi misteriosamente atacado, depois de publicar uma série de artigos desconfortáveis para certos políticos do Amazonas – entre eles o seu ex-aluno Plínio Valério, mui respeitável senador, que tanto ama os microfones quanto odeia ser contrariado.

Coincidência? Talvez. Mas tu, que uens dizendo verdades que

incomodam, começas a pensar se não bateu na porta certa. Se não enfiou a caneta jornalística num vespeiro de ego inflamado.

E se assim for, que bom. Porque ter o site hackeado é, no fim das contas, um sinal de que estamos incomodando com verdades. E incomodar com verdades, neste país de silêncios comprados, é uma honra. Ficamos até felizes com a dedicação dos incomodados – é sempre bom saber que alguém, do outro lado, está se dando ao trabalho de nos odiar com tanto afincô.

Aliás, vale registrar o requinte da ação. O hacker, em sua ousadia poética, achou por bem substituir a página inicial por uma imagem de Alexandre de Moraes beijando o presidente Lula. Sim, um beijo. Um gesto de carinho, de afeto – talvez até de reconciliação institucional. O que nos leva à seguinte hipótese: será que o hacker é de esquerda? Porque, se fosse de direita, certamente teria optado por algo mais... tradicional. Quem sabe uma foto do Bolsonaro fazendo arminha com a mão ou cavalcando uma motociata fantasma em direção ao Apocalipse, realizada com dinheiro público.

Mas não. O rapaz – ou moça, vai saber – preferiu espalhar amor. Nesse caso, é até difícil sentir raiiva. No fundo,

ele entendeu direitinho o propósito do Taquiprati: promover o debate, a liberdade, e, por que não, o carinho entre os poderes da República.

Não matem o mensageiro. Fiquemos de olho mesmo é no mandante. O ataque ao site não foi daqueles sutis. Foi coisa de gente ressentida com a liberdade de expressão – do tipo que sente coceira quando ouve falar em "direitos humanos", "demarcação de terras" ou "transparência pública". Gente que não gosta de ser lembrada de que servidor público serve ao povo, não ao próprio umbigo.

Mas não estamos aqui para acusar ninguém – até porque a equipe jurídica sempre lembra: sem provas, sem nomes. E é aí que entra a ironia. Porque, se fosse para fazer uma lista de suspeitos, os meus dois favoritos estariam temporariamente indisponíveis: um preso e outro foragido. Sim, Walter Delgatti, o hacker de Araraquara, e Carla Zambelli, a pistoleira accidental da democracia.

Ah, se não estivessem ocupados com suas próprias desventuras ju-

rídicas, talvez até desconfiássemos deles. Afinal, Delgatti já mostrou que sabe invadir sistemas. E Zambelli... bom, Zambelli sabe correr atrás dos problemas que ela mesma cria.

Mas, como ambos estão, digamos, fora de circulação (um na cadeia, a outra no modo "Onde está Wally?"), sobram os nomes da planilha do absurdo. E é aí que voltamos os olhos para o Senado, onde um senador amazonense segue em sua cruzada contra tudo que se pareça com progresso, ciência ou povo indígena com voz.

Não estamos dizendo que foi este senador. Longe de nós tal leviandade. Mas também não dá para ignorar o timing: publicaste, criticaste, incomodaste... e boom, blackout digital. Coincidência? Pode ser. Mas nós, que já vimos muito boto virar homem no rio Negro, não deixamos de ficar com a pulga atrás da orelha.

Hackear o Taquiprati não é só atacar seu autor. É atacar a informação, a liberdade de expressão, o jornalismo combativo que não se ajoelha diante de político fanfarrão

nem se vende por cargo em gabinete. E se pensam que, com isso, vão calá-lo, lamento informar, tio querido: se derrubarem o site, sei que o senhor volta em panfleto, megafone, grafite na parede da cidade – ou reencarnado neste sobrinho-filho displicente.

Porque a verdade não morre com vírus, nem se apaga com invasão. Ela sobrevive nas bocas, nos becos, nas aldeias e nas praças.

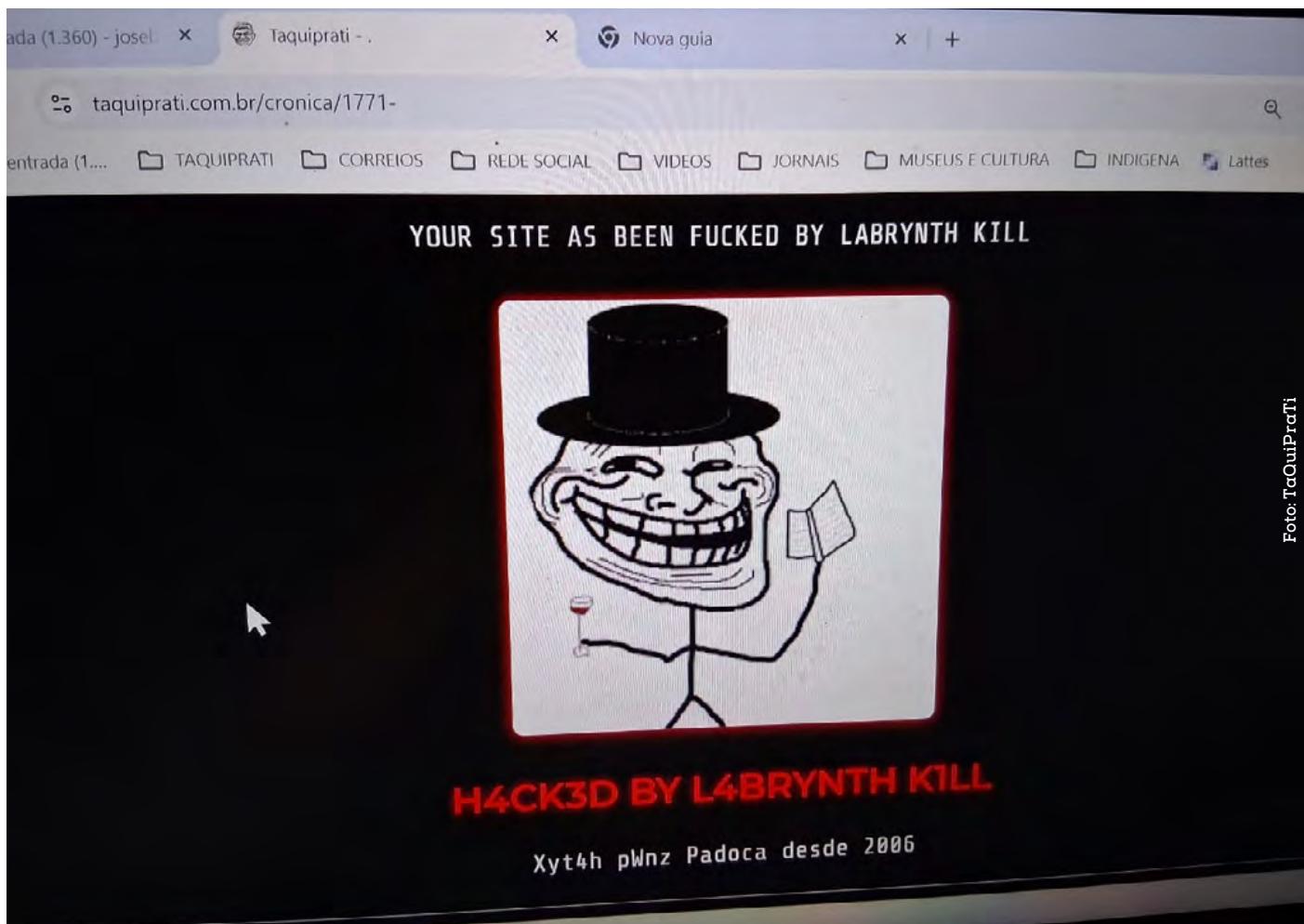
Então, ao senhor hacker (ou senadores ansiosos), que fique claro: cada tentativa de silenciamento é só mais um capítulo dessa crônica amazônica. E, se for pra jogar sujo, que pelo menos não subestimem a nossa teimosia – essa que eu, como sobrinho, aprendi a admirar e carregar comigo.

Com carinho e indignação

Geraldo Lopes de Souza Jr



José Bessa Freire. – Indigenista. Professor Universitário. Cronista e Escritor. Conteleheiro da Revista Xapuri.



The screenshot shows a hacked website for 'taquiprati.com.br/cronica/1771'. The page features a large, cartoonish illustration of a smiling face with a top hat and a glass of wine. Below the illustration, the text 'YOUR SITE AS BEEN FUCKED BY LABRYNTH KILL' is displayed in white, followed by 'H4CK3D BY L4BRYNTH KILL' in red. At the bottom, there is a footer with the text 'Xyt4h pWnz Padoca desde 2006'.



A MEMÓRIA NAS PAREDES

Antenor Pinheiro, especial de Guatapé, Colômbia

Nas montanhas da Antioquia, na Colômbia, uma cidade escondeu não afundar com suas casas. Guatapé, hoje famosa pelas fachadas coloridas e harmoniosamente decoradas, já foi território de dor e deslocamento. Nos anos 1970, boa parte do povoado original foi submersa para dar lugar a uma das maiores hidrelétricas do país. A grandiosa obra, em nome do tal progresso, chegou em forma de energia, mas com ela vieram o êxodo, o silenciamento e a ameaça à memória. Entretanto, ao chegar na cidade hoje, o que se observa é a vitória silenciosa de uma forma rara de resistência cultural. Em vez de se apagar, Guatapé decidiu se

redesenhar. As paredes de suas casas, com os célebres zócalos, passaram a contar suas histórias. São relevos pintados à mão que retratam ofícios antigos, animais, instrumentos, cenas cotidianas e símbolos religiosos da região. Cada muro é um gesto de lembrança, uma recusa ao esquecimento. O solo foi alagado, sim, mas sua identidade não. A singela cidade é o retrato de como a transformação ecológica, não afeta apenas florestas e rios, mas também culturas inteiras. É sabido que quando um território é alterado, vidas e saberes tradicionais também se vão, mas a pequena Guatapé respondeu a isso com arte, baixos-relevos e

cor, muita cor. Ao caminhar por suas ruas floridas, encontra-se o testemunho vivo de como uma comunidade pode reagir ao apagamento criando memória, fazendo da arte uma forma peculiar de resistência ambiental e cultural. Os zócalos de Guatapé não são enfeites, mas raízes fincadas nas paredes que nos ensinam a resistir e preservar o espírito de um lugar. Um jeito poderoso de transformar fachadas em memória para que o mundo veja.



Antenor Pinheiro -
Geógrafo. Membro do Conselho Editorial da Revista Xapuri.



Fotos: Arquivo Público/

A PASSAGEM DA COLUNA PRESTES POR FORMOSA

Jucelina de Moura Lôbo Bernardes e Marco Aurélio Bernardes

De acordo com relatos, a Coluna Prestes apareceu no município de Formosa no final do ano de 1926. Os moradores, temerosos, não efetuaram nenhum tipo de ação contrária aos revoltosos.

Muito pelo contrário, aqueles que tiveram contato com o tenente Carlos Prestes comentaram que o homem era um verdadeiro cavalheiro, de fala calma e gestos suaves. A Coluna dos Revoltosos esteve acampada

por dez dias no município, e uma coisa que Prestes sempre fazia questão de frisar é que não queria confusão.

Na zona rural de Formosa e nos municípios vizinhos, o povo ficou apavorado por causa dos revolto-

sos. O comentário era que roubavam cavalos, matavam gado e acabavam com os galinheiros.

Muitos moradores abandona-ram suas casas e fugiam para o mato. Procuravam lugares perto das serras, difíceis de serem encontrados. Levam com eles os cães, cavalos, galo e galinhas.

Conforme relatos, chegando ao paradeiro, peavam as galinhas. Sabendo que o galo só canta olhando pra cima, amarravam o pescoço do galo com a ponta de uma corda e com a outra ponta, amarravam os pés para evitar que o galo cantasse e os revoltosos descobrissem o local.

Nas bocas dos cachorros, colocaram boqueiras, feitas de couro, para não latirem. Somente tiravam as boqueiras para que os animais pudesseem comer e beber água; em seguida, colocavam as boqueiras de volta.

Não podiam fazer fogueira de dia. Tinham medo que pudesseem ver a fumaça. Faziam comida somente à noite, quando constatavam que não havia movimento. À noite, a fumaça se espalhava rapidamente, porque ventava mais e não era tão visível.

Após a retirada da Coluna do município, os formosenses ainda continuaram receosos do comunismo. Do Cavaleiro da Esperança, ficou a lem-

braça de um homem corajoso e muito inteligente, digno de admiração.

"O galo, amarrado com a cabeça pra baixo, pra não cantar, o cão com boqueira, pra não latir, e o fogo, só à noite, pra fumaça não ser vista de longe pelos revoltosos". Domingos José Valente

A PERSEGUIÇÃO À COLUNA PRESTES EM FORMOSA

Em 1926, um grupo de soldados chegou à cidade e acampou no campo de aviação. Esses homens passaram dias planejando surpreender os revoltosos, assim que chegassem ao município.

Uma boa parte deles era apenas voluntários que desejavam se transformar em heróis com a captura dos tenentes rebeldes. A propaganda do governo era carregada de patriotismo e convocava homens valentes para dar fim ao perigo que era a Coluna Prestes.

A presença de perseguidores fez alarmar ainda mais os moradores, devido aos boatos disseminados por eles, boatos que transformavam os revoltosos em frios assassinos e exímios ladrões.

A fim de facilitar a comunicação com a cidade de São Paulo,

construíram o primeiro telegrafo na cidade. Cansados de esperar pelos subversivos, alguns meses depois levantaram acampamento e voltaram para São Paulo.

Conforme relatos, após a partida dos perseguidores, os revoltosos estiveram no município. Um dos seus membros ficou aqui na cidade, Moysés Perotto, tenente gaúcho que se transformou no primeiro prefeito de Formosa, após o golpe de Getúlio Vargas [em 1930].

"Perotto somente conseguiu ser prefeito porque houve grande transformação, e a renovação em Goiás foi muito grande após a Revolução de 1930. Por exemplo, foi um médico que assumiu Goiás, Pedro Ludovico, que estava até preso. Pedro Ludovico conseguiu o poder no estado goiano devido sua ligação com os centros revolucionários de Minas Gerais que apoiaavam Getúlio Vargas. E aqui ele ficou como interventor estadual por quinze anos." Sebastião Viana Lobo



Jucelina de Moura Lôbo – Historiadora. Escritora, em "Formosa em Retinas Usadas", 2006.



Marco Aurélio Bernardes – Historiador. Escritor, em "Formosa em Retinas Usadas", 2006.



ASSIM ERA NO PRÍNCIPIO...

Altair Sales Barbosa e Sandro Dutra e Silva

Esta é a história do povoamento humano no centro da América do Sul, que tem início por volta de 13 mil anos Antes do Presente (AP), e seu final apenas se esboça, mas não se sabe aonde a estrada da evolução e do tempo a conduzirá.

Naquele tempo, muitas das paisagens que hoje dominam o continente americano - e a América do Sul em particular - ainda não existiam na forma que existem atualmente.

O planeta Terra estava vivendo o final da glaciação pleistocênica. Havia muita turbulência, as correntes oceânicas possuíam raios de abrangência diferentes dos

atuais, e elas refletiam de forma decisiva nas correntes atmosféricas que, aos poucos, foram modelando as paisagens continentais, distribuindo tipos climáticos pelos cantos do continente, consolidando alguns ambientes e modificando outros drasticamente.

Era a aurora de uma nova era ecológica, conhecida atualmente como Holocene. O planeta estava se aquecendo, as geleiras do Ártico despencavam em blocos sobre o mar ou provocavam sulcos medianhos no interior dos continentes pelas correntes de águas derretidas. O nível do mar estava subindo e tomando lentamente as partes

expostas do que hoje se constituem as plataformas continentais.

A lenta subida do nível das águas oceânicas proporcionava o represamento dos cursos d'água interiores e, com isso, a mecânica dos rios foi mudando, transformando estes em cursos d'água, fazendo-os menos velozes e mais largos, brindando oportunidades para a formação de planícies de inundação e lagoas marginais.

A temperatura, entretanto, era mais baixa que os padrões atuais em alguns locais do continente, e os ventos de junho e julho provocavam as friagens na parte central da América do Sul, um fenômeno tão forte

que obrigava a muitas mudanças de comportamento na fauna nativa.

Por falar em fauna nativa, nessa época ainda existiam, em várias partes do continente sul-americano, vários animais que se extinguiram e alguns que sobreviveram até meados do Holoceno. Foi nesse cenário que os primeiros humanos chegaram no interior da América do Sul, através das levas migratórias do Oeste.

Tratava-se de um grupo pequeno, composto de quatro a cinco famílias nucleares, tendo ao todo 18 a 20 pessoas, incluindo crianças. Pelo que se conhece do comportamento dos grupos de caçadores e coletores, essa população chegou ao alvorecer, certamente veio "verediano" pelo alcantilado de alguma serra.

O sol já espelhava aquele céu azulado, e uma brisa temperada, tal qual um manto de algodão, cobria de calor aqueles corpos maquiados com cinzas. Enquanto o sol ia irradiando seu clarão, aquela gente pôde enxergar um pequeno córrego de águas límpidas e, mais ao longe, descontinaram-se as brumas brancas de uma pequena cachoeira. Bem próximo, uma lagoa e, mais distante, um rio de águas correntes parecia indicar que ainda existiam caminhos.

O dia foi-se evidenciando e, à medida que isso se concretizava, os animais de hábitos herbívoros se aglomeravam para se deliciarem com o gosto adocicado dos brotos novos das gramíneas que surgiam como tapete, esverdeando o solo escuro chamuscado pela última queimada.

Juntos estavam também animais insetívoros, que se banqueteavam ao redor dos cupinzeiros. Ao largo, na espreita, estavam camuflados os carnívoros, esperando apenas um vacilo para agarrar sua presa.

Aqueles humanos sentiam-se brindados diante de tal abundância. Ao olharem mais adiante, avistaram a testa esbranquiçada de um paredão de arenito. Sua intuição os conduziu ao local, e ali encontraram vários abrigos naturais. Nos taludes destes, mais embaixo, sempre havia uma mina d'água de excelente qualidade.



Os homens daquele grupo acamparam no abrigo. Providenciaram uma fogueira, reconheceram o melhor ambiente, escolheram locais mais protegidos para as crianças, distribuíram-se pelo abrigo de pedra, conforme suas conveniências, e ali permaneceram.

Nos campos havia abundância de caça, ora mais, ora menos concentrada, de acordo com a época do ano. Nos ribeiros e nas lagoas havia muitos peixes.

Nas vastidões dos cerrados e cerradões havia em cada época específica uma imensidão de frutos comestíveis. Também existia uma profusão de meliponíneas, abelhas nativas, sem ferrão, que recheavam as cavidades dos paredões, das árvores ou do solo, com seus deliciosos potes de mel.

Esses primeiros povoadores do centro da América do Sul tinham à sua disposição proteína animal, vitaminas diversas, oriundas dos variados frutos, e açúcares provenientes da coleta de mel silvestre.

Sua dieta ainda era complementada pela cata de ovos e pelo consumo de alguns insetos ou larvas destes. Sua sobrevivência era

ainda presenteada com espécies lenhosas para as fogueiras e com uma variedade de matéria-prima mineral que utilizavam para fabricarem instrumentos.

Não se sabe ao certo se usavam algum tipo de vestimenta. Entretanto, como naquela época o clima era ligeiramente mais frio que o atual, é de se supor que algum agasalho confeccionado a partir de couro, principalmente de cervídeos, servia-lhes de proteção para as friagens.

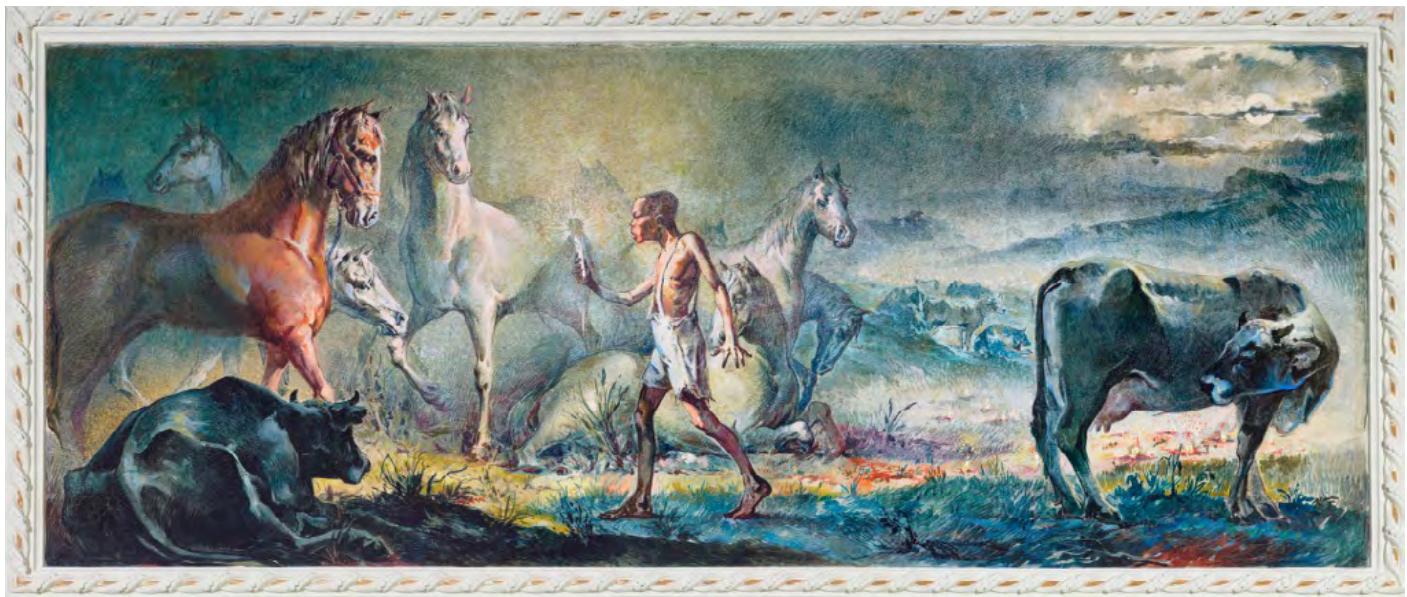
Além do mais, seu grande arsenal de ferramentas de pedra mais bem trabalhadas ressalta a presença maciça de raspadores encontrados com marcas de sangue, sugerindo uma associação com o preparo do couro.



Altair Sales Barbosa - Arqueólogo. Conselheiro da Revista Xapuri. Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador do CNPq. Pesquisador convidado da Universidade Evangélica de Goiás. Excerto do livro "650 Gerações: O Brasil antes dos europeus", editoras IAS, Xapuri, IHGG, 2024.



Sandro Dutra e Silva - Professor Titular na Universidade Evangélica de Goiás. Excerto do livro "650 Gerações: O Brasil antes dos europeus", editoras IAS, Xapuri, IHGG, 2024.



NEGRINHO DO PASTOREIO: A LENDA

Flora Bonatto

Era uma vez um estancieiro muito sovina, que nunca fazia num um favor aos vizinhos, nem acolhia os viajantes que passavam desavisados por suas terras nos campos abertos dos pampas.

Apenas se importava com três coisas: seu filho, endemoninhado e insolente; seu cavalo baio; e um escravo negro bem menino, que ele só maltratava. Era chamado por Negrinho sem outro nome nem batismo e se dizia afilhado de Nossa Senhora.

Negrinho sempre galopava pela manhã com um cavalo baio, depois cuidava do chimarrão, aturando o patrãozinho.

Um dia, o estancieiro fez aposta com um vizinho: uma corrida de cavalos. O prêmio, mil onças de ouro. No dia marcado, o povo todo se juntou como que para uma festa. Feitas as apostas e acomodadas as torcidas, foi dada a largada. Quem montava o ca-

valo do estancieiro era o Negrinho, que esporeava, dando tudo para ganhar.

A corrida seguia com os cavalos emparelhados, pata a pata, cada qual comendo os campos ladeando um ao outro, o baio e o mouro. O povo vibrava pelo empate, e o Negrinho seguia na liça.

Com a chegada se aproximando, o baio empinou, dando a vantagem necessária para que o mouro o passasse.

O estancieiro se sentiu roubado, logrado mesmo. O juiz deu vitória para o mouro e obrigou o estancieiro a pagar a aposta, entregando em cima do poncho do adversário, estendido na grama, um saco com o ouro.

De volta a casa, o estancieiro amarrou o Negrinho numa árvore do pasto e o surrou de chicote. Foi embora dizendo que ele ficaria no campo 30 dias e devia cuidar dos cavalos. Assim foi, os cavalos pas-

tando enquanto passavam os dias, com sol, vento, chuva, noite.

Vieram então os bichos e soltaram os cavalos, que correram pelos campos. O Negrinho acordou, mas não pôde fazer nada. O estancieiro deu-lhe outra surra e o obrigou a ir procurar os cavalos, ao cair da noite.

O Negrinho foi até o oratório da casa e, retirando uma vela aceifa de Nossa Senhora, saiu pelos campos. Os pingos de cera que caíam se acendiam e iluminavam os caminhos.

Ele achou os cavalos e os reuniu. Deitou-se com eles no campo, cansado, e sonhou com sua madrinha, Nossa Senhora. Ela sorria, iluminada.

Iluminado foi ele pela luz do dia, que trouxe para o campo o filho do estancieiro, que tratou de assustar os cavalos, e eles fugiram pelos campos de novo. E o Negrinho perdeu o pastoreio.



O patrão surrou-o de chico-te até cortar-lhe a pele. Jogou-o num formigueiro, atiçou as formigas, e foi embora.

Naquela noite o estancieiro sonhou com a corrida, seu filho, ele e o Negrinho e tudo o mais, parecendo tudo enorme, mas cabendo dentro do formigueiro. Os campos se cobriram de neblina por três dias e, nos três dias, o estancieiro tinha o mesmo sonho.

Assim que a cerração passou, o estancieiro mandou outros escravos procurarem seus cavalos, e foi até o formigueiro. Lá estava o menino, com os cavalos em volta, e o baio junto. Ao lado dele, a madrinha, Nossa Senhora, com seus véus de vento.

O estancieiro caiu de joelhos. Desse dia em diante sempre se via nas estradas uma tropa produzida pelo Negrinho do Pastoreio, montado no baio. E o povo pede pra ele achar coisas que perdeu. Acende uma vela e diz: "Foi por aí que eu perdi. Ó, Negrinho do Pastoreio, se você não achar, ninguém mais acha".



Flora Bonatto – Educadora, em *O Negro no Brasil*, Coleção Caros Amigos, s/d.

NOTA DA AUTORA: A Lenda do Negrinho do Pastoreio é tradicional no Rio Grande do Sul. De origem popular, teve uma de suas primeiras versões, que ficou entre as mais famosas, publicada na imprensa local no ano de 1906 pelo contista regional Simões Lopes Neto. A lenda retrata as relações de autoritarismo e violência do senhor com seus escravos. Uma lenda desse tipo, de origem popular, com certeza retrata fatos verídicos no que se refere aos maus tratos dos quais os escravos eram vítimas, mas também simboliza uma resistência. Essa resistência ocorre por meio do divino e do fantástico, conforme o Negrinho, depois de morto, é recebido pela Nossa Senhora e imortalizado pela beatificação e pelo imaginário popular. Ou seja, seu corpo foi destruído, mas sua alma não será vencida, e permanece viva pela tradição popular.



SOBERANIA E DEMOCRACIA SÃO INSEPARÁVEIS

Emir Sader

Em resposta ao ataque do governo norte-americano, Lula resgatou uma categoria que repousava no esquecimento ou mesmo no museu: a categoria de soberania.

Soberania remete ao discurso do nacionalismo, de defesa da nação diante dos interesses externos. Um país soberano é o que defende e preserva seus interesses nacionais diante dos ataques do imperialismo.

Um país soberano é o que preserva seus interesses próprios. No Brasil, o governo de João Goulart era um governo nacionalista, que colocava em prática o que se denominava de reformas de base. Reforma agrária, limitação da remessa de lucros das empresas estrangeiras, entre outras.

O golpe militar de 1964 liquidou, ao mesmo tempo, a democracia

no Brasil e a política de soberania nacional. A ditadura militarizou o Estado brasileiro, terminando com a democracia, que havia sido conquistada duas décadas antes.

E, simultaneamente, promoveu uma política de subordinação aos interesses externos, a ponto que o primeiro-ministro de Relações Exteriores da ditadura militar afirmou, nada mais, nada menos,



Foto: Joyce Boghosian/Fotos Públicas/ Reprodução

que "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil".

Nada mais antagônico à soberania do que a política colocada em prática pelos governos da ditadura militar. O país foi caracterizado então como subimperialista, de tal forma ele representava na região os interesses dos Estados Unidos e reproduzia sua política a nível regional.

Desapareciam a democracia e a soberania. Quando foi restabelecida a democracia, mais de duas décadas depois, o país seguiu sendo o mais desigual do continente mais desigual do mundo.

Como se poderia caracterizar o governo como democrático, se tão desigual? Como poderiam conviver a igualdade diante da lei e a desigualdade profunda na realidade concreta?

O país carrega essa contradição até hoje. A eleição, pela primeira vez, de um líder sindical, nordestino, de um partido de esquerda, à presidência da República, só aprofunda as contradições que caracterizam a história brasileira.

Quando Lula retoma a categoria de soberania, reafirma a decisão do seu governo de ter uma política externa independente, soberana. Porém, ao mesmo tempo, apesar das políticas antineoliberais dos governos do PT, o capital financeiro, de caráter especulativo, segue sendo hegemônico no plano econômico.

Para passar do antineoliberalismo ao pós-neoliberalismo, isto é, superando a etapa histórica atual, seria necessário consolidar a democracia política e estendê-la ao plano social. Seria indispensável,

ao mesmo tempo, fazer da soberania a referência central da política externa, em relação aos interesses externos, e da política interna, promovendo os interesses da grande maioria da população como os determinantes de todas as políticas do governo.

Que o governo tenha não apenas a soberania, mas a democracia, sua irmã gêmea, como seus eixos fundamentais. Não apenas da democracia formal, mas da democracia real, aquela que faz com que todos sejamos iguais não somente perante a lei, mas na realidade concreta.



Emir Sader - Sociólogo. Conselheiro da Revista Xapuri. Fonte: <https://www.brasil247.com/blog/soberania-e-democracia-sao-inseparaveis>



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil



A ECONOMIA CRIATIVA NO SETOR CULTURAL E SUA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Rita Andrade

A economia criativa e a economia da cultura são frequentemente tratadas como sinônimos, mas há diferenças importantes. A UNESCO define a economia criativa como um conceito amplo que engloba tanto as indústrias criativas e culturais quanto os aspectos simbólicos e econômicos da cultura.

Já a UNCTAD, em seus relatórios, diferencia as indústrias criativas – mais ligadas à produção mercadológica – da economia da cultura, que abrange o patrimônio, os saberes e as expressões culturais tradicionais.

No Brasil, documentos oficiais do Ministério da Cultura e pesquisas acadêmicas também destacam essa distinção, especialmente

para orientar políticas públicas que valorizem o papel simbólico, social e econômico da cultura.

A economia criativa vai além das artes tradicionais, incluindo design, mídia, publicidade, tecnologia e entretenimento. Seu diferencial é transformar ideias em produtos e serviços inovadores, gerando emprego, renda e impacto cultural. Ao focar na produção imaterial, redefine o desenvolvimento econômico, criando novos vetores de crescimento e formas de organização do trabalho.

Além da economia criativa, outros modelos econômicos dialogam com as metas de sustentabilidade: a economia circular (focada na reutilização e redução de resídu-

os), a verde (voltada à proteção ambiental), a solidária (baseada na cooperação e justiça social), a digital (fundada na conectividade e inovação) e a do bem-estar (centrada na qualidade de vida).

A economia criativa, por meio da cultura, conecta-se a essas abordagens ao valorizar a produção simbólica, as redes comunitárias, o design sustentável, os circuitos alternativos de comercialização e a inovação social. Essa sinergia reforça o caráter transversal da cultura e sua capacidade transformadora.

Baseada em criatividade, conhecimento e inovação, seus produtos têm valor econômico e simbólico, protegidos por propriedade intelec-



tual. Ao articular valor econômico, geração de empregos, inovação e desenvolvimento com impacto cultural, a economia criativa se afirma como caminho concreto para enfrentar dilemas atuais – das desigualdades sociais à emergência climática, por meio de atividades com ativo estratégico do desenvolvimento econômico atual.

Focamos aqui na cultura como força simbólica, econômica e social para valorização dos patrimônios, inclusão social, geração de renda e promoção do desenvolvimento com sustentabilidade, no contexto brasileiro.

O Brasil é movido por criatividade, cultura e diversidade. Essa potência, historicamente invisibilizada nos modelos econômicos tradicionais, ganha centralidade nas discussões sobre desenvolvimento sustentável. A cultura brasileira, com sua pluralidade estética e simbólica, é uma das maiores riquezas do país.

Da música ao artesanato, da dança à gastronomia, da literatura e artes visuais ao audiovisual – o Brasil produz arte em todos os cantos, mesmo sem políticas permanentes de incentivo. Valorizar essa produção, garantir financiamento estruturante e reconhecer o trabalho de artistas, coletivos e mestres populares são condições essenciais para um desenvolvimento inclusivo e sustentável.

CONEXÃO CULTURA -SUSTENTABILIDADE

No centro dessa transformação está a conexão entre cultura e sustentabilidade. A economia produzida pela cultura brasileira vincula-se diretamente às metas da Agenda 2030, com destaque para os ODS 4 (Educação de Qualidade), 8 (Trabalho Decente), 10 (Redução das Desigualdades), 11 (Cidades Sustentáveis), 12 (Consumo Responsável) e 13 (Ação Climática). Isso não é teoria: práticas consolidadas nos territórios mostram que cultura e arte são vetores reais de mudança.

A educação, em interseção com a arte e a cultura, tem papel estratégico nesse processo. Oficinas culturais,

projetos de arte-educação, museus interativos, produções audiovisuais, manifestações regionais e características de territórios e outras ações contribuem para a conscientização socioambiental e o fortalecimento de vínculos comunitários.

A arte engaja, emociona, forma pensamento crítico e resgata saberes ancestrais. Nos centros urbanos, periferias, aldeias indígenas, quilombos e comunidades ribeirinhas, a produção cultural é instrumento de resistência e projeto de futuro.

O potencial turístico também é evidente. Experiências como o Carnaval, o turismo de base comunitária no Cerrado e em outros biomas, as rotas culturais afro-brasileiras no Recôncavo Baiano, os festivais amazônicos e os roteiros imersivos em favelas urbanas são exemplos que revelam demanda por vivências culturais autênticas e que podem ser cada vez mais sustentáveis. Iniciativas como essas geram renda local, fortalecem a identidade dos territórios e impulsionam cadeias produtivas que, com incentivo e formação, podem respeitar ainda mais o meio ambiente.

AGENDA 2030

Ressaltamos que as metas da Agenda 2030 não serão alcançadas sem o protagonismo da cultura. É preciso consolidar políticas públicas que reconheçam o setor cultural como pilar do desenvolvimento nacional. Isso inclui financiamento de longo prazo, desburocratização dos editais, políticas que considerem diversidade regional, de classe, de gênero e racial, infraestrutura cultural nos territórios, educação ambiental baseada em práticas culturais e sistemas de avaliação de impacto com indicadores sociais, ambientais e culturais.

A economia da cultura não é setor periférico. É motor de inovação, inclusão e sustentabilidade. Seu avanço depende de vontade política, redes colaborativas e do reconhecimento de que desenvolvimento não é só crescimento do PIB, mas bem-viver, justiça e pertencimento. Em um país com tamanha riqueza

cultural, é hora de colocar a cultura no centro da agenda de futuro.

A declaração do G20 em 2024, firmada no Brasil, reconhece que a cultura deve ocupar papel central na construção de um planeta sustentável. Paralelamente, iniciativas como o *Creative Economy Outlook* da UNCTAD e o financiamento internacional de projetos culturais sustentáveis têm orientado políticas públicas no Sul Global.

O desafio está em consolidar essas práticas como política de Estado. Ainda faltam dados sistematizados, instrumentos robustos de avaliação, financiamento de longo prazo e integração entre políticas culturais, ambientais, educacionais e territoriais. É preciso avançar em políticas acessíveis que reconheçam saberes locais, priorizem territórios vulneráveis e articulem cultura, inovação, tecnologia e sustentabilidade.

A cultura brasileira é uma das maiores riquezas do país – não apenas pelo valor simbólico, mas por sua capacidade de gerar inclusão, renda e cuidado com o planeta. Colocar a cultura no centro do desenvolvimento é reconhecer que o futuro passa por territórios criativos, políticas interseccionais e um Estado que comprehenda que sustentabilidade não se faz sem arte, memória e pertencimento.



Rita Andrade – Mestra em Políticas Públicas e Governo pela FGV, com dissertação intitulada *Políticas Públicas Culturais como Caminhos para a Transformação Social*. Especialista com MBA em Gestão Humanizada de Gestores e curso de extensão em Gestão e Liderança de Equipes pela FGV. Graduada em Educação Artística pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Atua como parecerista de projetos culturais, diretora de produção cultural com ênfase em gestão de projetos audiovisuais, produtora executiva e assessora em projetos de ações afirmativas.

NOTA: Este texto é um extrato da dissertação de mestrado disponível no repositório da FGV: ANDRADE, Rita de Cássia Fernandes de. Políticas públicas culturais como caminhos para a transformação social. 2025. cap. 4 ARTIGO 3 – A ECONOMIA CRIATIVA NO SETOR CULTURAL E SUA CONTRIBUIÇÃO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/cbf9bbde-74cb-44b0-81fa-0cd0fab4874a>

MÃE NOSSA QUE ESTAIS NA TERRA

Eduardo Galeano

TRAVAXA HAILLICHACRAÍAPVIC^{vi}



Ilustração: Felipe Guamán Poma de Ayala (1535-1616) / Reprodução

Nas aldeias dos Andes, a mãe Terra, a Pachamama, celebra [em agosto, no dia primeiro] a sua festa.

Dançam e cantam seus filhos, nessa jornada sem fim, e vão oferecendo para a terra um pouco de cada um dos manjares do milho e um golinho de cada uma das bebidas fortes que molham a sua alegria.

E, no final, pedem a ela perdão por tanto dano, terra saqueada, terra envenenada, e suplicam a ela que não os castigue com terremotos, nevaskas, secas, inundações e outras fúrias.

Esta é a fé mais antiga das Américas.

Assim os mayas tojolabales cumprimentam a mãe, em Chiapas:

Você nos dá feijões
que são tão saborosos
com pimenta, com tortilla.
Você nos dá milho, e café do bom.

Mãe querida,
cuide bem de nós, cuide bem.
E que a gente jamais pense
em vender você.

Ela não mora no céu. Mora nas profundidades do mundo, e lá nos espera: a terra que nos dá de comer é a terra que nos comerá.



Eduardo Galeano – Escritor revolucionário, em *Os Filhos dos Dias*. Editora L&PM, 2ª edição, 2006.



CURA DE SONO

Clarice Lispector

Dormir é o melhor modo de se manter em forma. Não pense que o sono é tempo perdido: esse é um argumento que pessoas nervosas usam. Os que não querem se conformar com as regras do sono terminam por sentir algum desequilíbrio, em geral no sistema simpático, acusando injustamente fígado ou estômago.

Há vários modos de dormir mal. O primeiro é o de acumulando, pouco a pouco e sem sentir, noites não muito bem dormidas e terminar sentindo-se

mal, sem saber por quê. Essa forma cumulativa de fadiga termina por fazer com que se instale no corpo e na alma um cansaço crônico, já mais difícil de combater.

Se você quiser, pode fazer uma cura de sono. Um mês, mais ou menos, desse tratamento - que é ao mesmo tempo uma cura de beleza - e você terá a impressão de que vem de longas férias.

O que fazer? Em primeiro lugar, corte o mais possível os compromissos noturnos muito demorados. Depois, tente levar uma vida sadia. Sobriedade na comida, sobriedade na bebida: ausência total de tóxicos, como álcool, café, cigarros.

É necessário manter também higiene mental: aprenda a relaxar os nervos, a trancar os problemas antes de dormir. E a evitar discussões antes de ir para a cama.

Seu quarto deve ser arejado. Claro e ensolarado de dia, bem escuro à noite. Se você é friorenta, cubra-se com mil cobertores, mas não conserve a janela fechada.

Se seu quarto, de madrugada, é invadido pela claridade, durma com os olhos protegidos por uma máscara. (Você mesma poderá confeccioná-la, em cetim preto com cordões de plástico).

Os ruídos da rua ou da casa perturbam seu sono? Use algodão nos ouvidos, ou melhor, umas pequenas bolas de borracha que se encontram em boas casas de negócio.

A cura do sono deve ser natural, e não provocada por hipnóticos e sedativos. Aprenda nesse tempo como dormir bem e nunca mais você esquecerá a lição.

Clarice Lispector (In memorian) - Escritora, em *Correio Feminino*. Editora Rocco, 1977.





BANCÁRIAS COMEMORAM LEI QUE PREVÉ COTA FEMININA EM CONSELHOS DE EMPRESAS PÚBLICAS

A categoria bancária comemora a sanção do Projeto de Lei nº 1.246/2021, no último dia 23 de julho, pelo presidente Lula. A medida, de autoria da deputada federal Tábata Amaral, obriga reserva mínima de 30% de vagas para mulheres em conselhos de administração das empresas estatais, sejam 100% públicas, de economias mistas ou abertas, além de subsidiárias, controladas e outras companhias em que União, estados ou municípios detenham direta ou indiretamente

a maior parte do capital com direito a voto. A nova lei também prevê reserva de vagas para mulheres negras e com deficiência.

A secretária da Mulher da Contrafcut e coordenadora da Comissão de Empresa dos Funcionários do Banco do Brasil (CEBB), Fernanda Lopes, comemora o avanço institucional. "O reconhecimento de que uma política pública é um instrumento necessário para mudar a trajetória de desigualdade, que impõe às mulheres salários mais reduzidos, e menor representati-

vidade em cargos de liderança, reflete uma série de lutas dos movimentos sociais, incluindo o movimento sindical bancário", explica a dirigente. "Além disso, é uma medida que serve de referência para que empresas privadas também apliquem a cota", completa.

A nova lei também prevê que, dentro dos 30% de postos reservados às mulheres, 30% serão destinados exclusivamente às mulheres autodeclaradas negras ou com deficiência. Para que a medida tenha efeito, em nota,

o Planalto explicou que o texto da lei "atribui a fiscalização do cumprimento mínimo aos órgãos de controle externo e interno das empresas públicas e sociedades de economia mista". A medida determina também que os conselhos de administração que infringirem o cumprimento das cotas serão impedidos de deliberar sobre quaisquer outras matérias.

Segundo dados apresentados pela ministra da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, durante a solenidade para a sanção da nova lei, as estatais federais contam, atualmente, com 25% de mulheres à frente dos conselhos. Mas essa é a média, porque há conselhos com mais de 50% e outros com menos de 30% de representatividade.

"Então, essa lei é mais um passo para uma transformação muito maior que precisamos ter. A representatividade de mulheres no Congresso Brasileiro, por exemplo, hoje é inferior a 15%. Se considerarmos as 100 maiores companhias brasileiras listadas na Bolsa de Valores do Brasil, o percentual

médio de mulheres em conselhos de administração é ainda menor: 10%", completou Fernanda Lopes.

BANCOS PÚBLICOS QUE JÁ SE DESTACAM NO CUMPRIMENTO DA LEI

Atualmente, o Conselho de Administração do Banco do Brasil conta com a participação de mulheres em 50% das cadeiras. Mas a gestão da empresa pública, de capital misto, trabalha para ampliar a diversidade e garantia de paridade de gênero em todos os setores. Em julho de 2023, durante uma reunião com a CEBB, o BB anunciou a criação do Grupo Matricial da Diversidade, responsável pela implementação das ações para promoção da diversidade e igualdade de oportunidades. Entre as ações desse coletivo estão:

✓ Escuta ativa dos grupos BB Black Power, PCDs, BB Azul, Autistas no BB, Neurodivergentes, LGBTQIA+, Liderança Feminina, Mulher na TI;

✓ Estudo do diagnóstico da diversidade no BB e melhores práticas; e

✓ Auxílio na implementação de programas de ações afirmativas.

A Caixa é outro exemplo positivo entre as empresas públicas, também graças à atuação do movimento sindical que, em 2024, conquistou na Campanha Nacional a inclusão de um dispositivo no Estatuto Social do banco que obriga o banco a ter, no mínimo, 30% de mulheres em todos os cargos de função.

Fonte: Contraf-CUT via <https://www.feteccn.com.br/igualdade-de-oportunidades/bancarias-comemoram-lei-que-preve-cota-feminina-em-conselhos-de-empresas-publicas/>



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

EDINHO SILVA DEFENDE AGENDA NACIONAL PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO



Foto: Agência PT

Em sua primeira entrevista como presidente eleito do Partido dos Trabalhadores ao UOL, no dia 4 de julho, Edinho Silva delineou os desafios estratégicos que o PT terá pela frente com vistas à reeleição do presidente Lula em 2026. Edinho tratou desde a perpetuação do legado do presidente Lula até a necessidade de o partido se reinventar, dialogar com novas realidades sociais e propor uma agenda nacional robusta, sintonizada com as necessidades do Brasil.

"O presidente Lula tem um legado que se confunde com a própria

história do Partido dos Trabalhadores. Na minha avaliação, ele vai ter influência nos rumos do PT eternamente, enquanto o PT existir. Mas claro que o grande desafio é nós organizarmos um partido que tenha capacidade de fazer disputa na sociedade quando o presidente Lula não estiver mais nas urnas", afirmou o petista.

"Evidente, ele também disputa em 2026, mas como todo ser humano, ele tem o direito também ao descanso, ao lazer. E ele dedicou a sua vida toda à militância política, à organização do movimento

sindical, organização dos movimentos sociais e à construção do próprio partido".

O novo presidente do PT reforçou a visão de Lula sobre sua própria sucessão, que aponta para o fortalecimento da sigla como caminho principal. Para ele, o sucessor será a legenda. "E se o partido estiver forte, estiver organizado, estiver dialogando com a sociedade brasileira, um partido constrói as lideranças. Então, eu penso que o desafio do PT é esse, se fortalecer, ser um partido que se atualize".

AGENDA NACIONAL E REFORMA POLÍTICA

O presidente eleito do PT defendeu que o partido se aprofunde em temas cruciais para o país. Para Edinho, os grandes temas da conjuntura não encontram espaço no Congresso por causa da atual correlação de forças.

"Temos de enfrentar um debate da segurança pública, formular sobre segurança pública. O partido precisa efetivamente debater a questão da reforma política eleitoral, o Brasil precisa de uma reforma política eleitoral, nós não podemos continuar com a dinâmica política do nosso país, nesse varejo que nós estamos hoje, sem uma agenda nacional, sem uma agenda de debates que coloque à mesa as principais lideranças do país para debater temas emergentes", avaliou.

"Eu falei agora de segurança pública, eu falei de transição energética, de urgência climática, nós temos que debater a questão das terras raras, que é um debate também emergente e que está na minha avaliação por trás dessa ofensiva diplomática que o Brasil tem sofrido do governo Trump, nós temos que debater as nossas reservas de petróleo da costa equatorial, um projeto de desenvolvimento sustentável para a Amazônia.", enumerou Edinho.

Sobre a Amazônia, ele propôs uma abordagem inovadora. "Se você criar um fundo com as reservas da costa equatorial, nós temos condições de ter uma política muito mais ofensiva de recuperação da floresta amazônica, de monitoramento contra o desmatamento e, claro, de um programa de desenvolvimento sustentável para a Amazônia, para a Amazônia legal".

"Ainda ontem, durante a minha posse, eu ressaltava a questão da educação integral. Como que o Brasil pode se tornar um país justo se nós não debatermos as criações, a condição orçamentária

para que o Brasil universalize a educação integral, que nós possamos universalizar o direito à creche das crianças, principalmente na primeira infância. Então, são temas centrais que têm que mover o Partido dos Trabalhadores e, claro, influenciar na agenda nacional, na agenda do nosso país", insistiu o petista.

FRENTE AMPLA E CENÁRIO GLOBAL

Sobre as alianças políticas, Edinho Silva foi enfático na necessidade de replicar a bem-sucedida estratégia que levou Lula à vitória no pleito eleitoral. "Nós temos que repetir as alianças que nós construímos no segundo turno em 22.

Não tenho absolutamente nenhuma dúvida em relação a isso. Nós temos que conversar com partidos, nós temos que conversar com representações da sociedade, nós temos que conversar com lideranças da sociedade civil que estejam abertas a enfrentar o debate que está colocado no mundo", argumentou Edinho.

O presidente do PT foi crítico ao governo Trump e advertiu para consequências globais da postura do extremista. "Quando a gente ressalta a violência diplomática que o Brasil sofreu no último período em relação ao governo Trump, nós temos que contestar o que o Trump tem sido. Claro que no Brasil ele deu um recorte, um verniz político", explicou.

"Na minha avaliação, na verdade, é um verniz mesmo, é uma cortina de fumaça, porque os interesses dos Estados Unidos, claro que vão muito além do debate das relações com a família Bolsonaro, que também na minha avaliação se posicionaram de forma muito equivocada nesse embate. E lideranças hoje hegemonizadas pelo bolsonarismo também se posicionaram de forma muito equivocada, não defendendo os interesses brasileiros."

Edinho Silva alerta para os riscos de um conflito em escala global. "Só que a Terceira Guerra Mundial certamente não será bélica, ela será econômica. Mas a guerra econômica provoca danos a setores da economia e, por consequência, vai gerar desemprego, vai gerar empobrecimento, vai gerar desorganização da economia mundial, inclusive afetando a economia americana.

Então, esse ambiente bélico de violência, de perseguição aos imigrantes, de manifestações racistas que nós estamos vendo no mundo afora, isso também se reflete no Brasil."

RECONEXÃO COM AS PERIFERIAS

Edinho fez ainda uma veemente defesa do retorno do PT às periferias e da busca por novas formas de diálogo com a classe trabalhadora contemporânea.

"Eu tenho defendido muito que o Partido dos Trabalhadores tem que voltar a ter presença nas periferias, presença nas periferias para que a gente possa debater a vida real".

Para o dirigente, a classe trabalhadora de hoje não está mais atraída pelo que considera formas mais tradicionais de organização sindical. "Muitas vezes o cooperativismo, por exemplo, dialoga muito mais com essa classe trabalhadora", definiu.

Fonte: <https://pt.org.br/ao-uol-edinho-silva-defende-agenda-nacional-para-promover-desenvolvimento/>

A PRIMEIRA GREVE DO SINTEGO



Logo após a promulgação da Constituição Federal - em 5 de outubro de 1988 - os profissionais da Educação, até então organizados em associações, unificaram-se e criaram o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás (SINTEGO) - em 27 de novembro de 1988.

A entidade passou a representar os supervisores educacionais congregados pela ASSUEGO, os orientadores educacionais representados pela AOEGO, além dos professores e funcionários administrativos educacionais representados pelo CTG.

O SINTEGO torna-se o maior sindicato do Estado, tanto em número de filiados quanto em base de organização na capital e interior, além de ser a primeira entidade sindical de servidores públicos em Goiás.

A conscientização crescente da categoria deflagrou a primeira gre-

ve em Goiás, em 1979, e foi repreendida por cães, policiais e bombas. Contudo, a mobilização comandada pelo CPG cresce e encoraja outras categorias a se organizarem. A luta pela anistia política teve a contribuição significativa dos professores de Goiás. O movimento de valorização do professor tem a simpatia e respeito de toda a sociedade.

Em 1982, o CPG e outras entidades representantes de servidores públicos e rurais criam a Comissão Pró-CUT em Goiás, que conseguiu garantir, na justiça, a readmissão de servidores públicos demitidos pelo "decretão" do primeiro governo de Iris Rezende.

Ampliar a organização dos trabalhadores sempre foi a grande meta do CPG e da Central Única dos Trabalhadores (CUT) - fundada em 1983. Entre 82 e 88, o

CPG conseguiu mobilizar os professores e conquistou o "Estatuto do Magistério do Município de Goiânia", com eleição direta para diretor; o "Estatuto do Magistério Estadual", garantindo piso salarial de quinze salários-mínimos.

Em 1988, com a promulgação da Constituição Federal, os trabalhadores do serviço público garantem o direito de criar sindicatos (antes da Constituição/88 só podiam se organizar em associações). Com este avanço, os trabalhadores passam a ter sua identidade reconhecida legalmente, e o governo é obrigado a negociar.

Fonte: <https://sintego.org.br/o-sintego/>



A BUEIRA

Thiago Inácio

Em um recanto sombrio do povoado Poço dos Gaspar, no estado do Piauí, existe uma pequena bueira, conhecida por ser palco de estranhos fenômenos sobrenaturais que intrigam e assustam a população. Quem passa por ali, especialmente ao cair da noite, corre o risco de se deparar com visões inquietantes. Os relatos são muitos e, a cada geração, novas histórias surgem.

Fala-se, por exemplo, sobre a aparição de uma mulher vestida de branco, que carrega uma vela acesa equilibrada sobre a cabeça. Outras testemunhas dizem ter visto o espírito de um homem montado em um jumento, cavalgando

silencioso pela escuridão; enquanto alguns avistaram a figura de crianças fantasmas, espreitando os passantes entre as sombras.

Não bastassem essas visões, há também histórias de luzes misteriosas - os temidos "aparelhos" - que perseguem aqueles que ousam cruzar o trecho. Essas luzes dançam no ar, mudam de cor e parecem perseguir os passageiros, causando medo em quem tenta escapar da terrível "bola de fogo" que ronda o local.

Os moradores não têm dúvidas de que o lugar é assombrado. Mas evitá-lo é impossível, pois se localiza na entrada que liga a localidade à zona urbana do município.

Assim, a pequena bueira de Poço dos Gaspar permanece um enigma. Os mais velhos aconselham que, ao anoitecer, aqueles que tiverem coragem de passar por ali devem fazer o sinal da cruz e evitar olhar para trás. Afinal, alguns mistérios preferem permanecer sem resposta.

Thiago Inácio - Pesquisador, Folclorista, Escritor.



REFERÊNCIAS: INÁCIO, Thiago. *Lendas, Causos & Mitos: Contos Populares de Lagoa Alegre*. Lagoa Alegre, PI, 2025.

Fonte: <https://causosassustadoresdopiaui.wordpress.com/2025/08/03/a-bueira/#more-17000>

GREVE NA EDUCAÇÃO DO DF ARRANCA INÍCIO DA REESTRUTURAÇÃO DA CARREIRA

Em 24 dias de greve no Distrito Federal, a união e a força da categoria do magistério público fizeram com que o governo local, que não aceitava negociar, negociasse; que não queria efetuar nomeações nem realizar concurso público, firmasse esse compromisso; que não queria conceder nada a professores e orientadores educacionais, dobrasse os percentuais de titulação e desse início concreto à reestruturação da carreira do magistério público.

A mobilização também conseguiu arrancar do governo o direito a atestado médico de acompanhamento para professores substitutos: uma luta histórica do Sinpro-DF.

Não foi simples nem fácil. A greve de professores e orientadores educacionais foi judicializada pelo governo Ibaneis/Celina antes mesmo de começar. A multa de R\$ 1 milhão por dia de greve só foi reduzida após atuação insistente do Sinpro no Supremo Tribunal Federal. O GDF cortou ponto dos grevistas. Ações pacíficas foram rechaçadas com spray de pimenta e truculência da polícia militar.

E mesmo assim houve conquistas arrancadas em um processo árduo, tenso e hostil, mas também de muita unidade, resistência e responsabilidade, do início ao fim.

Avançamos, mas ainda há muito o que conquistar. A greve foi encerrada; nossa luta continua!



AVANÇOS DA GREVE



- ✓ Envio pelo GDF à CLDF do projeto de lei referente à progressão horizontal, dobrando percentuais de titulação, que passam a ser: 10% para especialistas, 20% para mestres e 30% para doutores;

HOJE	A PARTIR DE 01/2026
5%	ESPECIALIZAÇÃO 10%
10%	MESTRADO 20%
15%	DOUTORADO 30%

Uma novidade importante foi conquistada por este movimento de greve. O acordo que suspendeu a paralisação foi homologado junto ao Tribunal de Justiça do DF, tornando-se título judicial, ou seja, com força de lei: deve ser cumprido. A mesa de negociação também segue com a mediação do TJDFT.

- ✓ Pelo menos 3 mil nomeações até dezembro/2025;
- ✓ Prorrogação do concurso que venceria em julho de 2025 para 27/07/2027;
- ✓ Realização de novo concurso público para o magistério, com previsão de publicação do edital no primeiro semestre de 2026;
- ✓ Direito a atestado de acompanhamento de cônjuge ou dependente em consulta de saúde ou exames para profissionais em regime de contratação temporária;
- ✓ Pagamento integral dos dias descontados, com folha suplementar lançada na mesma data ou um dia após o pagamento de julho;

- ✓ Recomposição do calendário escolar com reposição das aulas ainda no primeiro semestre, e recesso na primeira semana de agosto;
- ✓ Estabelecimento de mesa permanente de negociação para discutir a reestruturação da carreira;
- ✓ Compromisso firmado com a mediação do TJDFT e homologado junto ao tribunal, tornando-se título judicial (com força de lei).





DEFENDER A DEMOCRACIA E FUNDAR A DEMOCRACIA ECOSOCIAL

Leonardo Boff

Atualmente, como poucas vezes na história, a democracia como valor universal e forma de organizar a sociedade está sob ataque. Há uma articulação mundial de grupos com muito poder e dinheiro que a negam em nome de propostas regressivas, autoritárias que beiram à barbárie.

A democracia, a partir de seus primórdios gregos, se sustenta sobre quatro pilares: a participação, a igualdade, a inter-relação e a espiritualidade natural. A ideia de democracia supõe e exige a participação de todos os membros da sociedade, feitos cidadãos livres e não meros assistentes ou simples beneficiários.

Juntos constroem o bem comum. Por natureza ela é, nas palavras do sociólogo português Boaventura de Souza Santos (injustamente acu-

sado) uma democracia sem fim: ela deve ser vivida na família, em todas as relações individuais e sociais, nas comunidades, nas fábricas, nas instituições de ensino (do primário à universidade), numa palavra, sempre lá onde seres humanos se encontram e se relacionam.

Com a participação de todos em pé de igualdade se cria a possibilidade da inter-relação entre todos, das trocas, das formas de comunicação livre até na maneira de comunhão, própria dos seres humanos com sua subjetividade, identidade própria, inteligência e coração.

Assim, a democracia emerge como uma teia de relações que é mais do que o conjunto dos cidadãos. O ser humano vive melhor sua natureza de "nó de relações"

num regime onde viceja a democracia. Ela comparece como um alto fator de humanização, vale dizer, de gestação de seres humanos ativos e criativos.

Por fim, a democracia reforça a espiritualidade natural e cria o campo de sua expressão. Entendemos a espiritualidade, como é entendida hoje pela New Science, pela neurociência e pela cosmogênese como parte da natureza humana. Ela não se confunde nem deriva da religiosidade, embora essa possa potencializá-la. Ela possui o mesmo direito de reconhecimento como a inteligência, a vontade, a afetividade. Ela é inata no ser humano.

Como escreveu Steven Rockefeller, professor de ética e filosofia da religião no Middlebury College em Nova York em seu livro *Spiritual Democracy and our Schools* (2022): "a





espiritualidade é uma capacidade inata no ser humano que, quando alimentada e desenvolvida, gera um modo de ser feito de relações consigo mesmo e com o mundo, promove a liberdade pessoal, o bem-estar, e o florescimento do bem coletivo" (p.10). Ela se expressa pela empatia, solidariedade, compaixão e reverência, valores fundamentais para o convívio humano, e daí para a vivência em ato da democracia.

Estas quatro pilastras, no contexto atual do antropoceno (e suas derivações em necroceno e piroceno), no qual o ser humano surge como o meteoro ameaçador da vida em sua grande diversidade, a ponto de colocar em risco o futuro comum da Terra e da humanidade, fazem da democracia sem fim, integral e natural seu antídoto mais poderoso.

Sustento a mesma opinião de muitos analistas das atividades humanas com efeitos em escala planetária (a transgressão de 7 dos 9 limites planetários), que sem um novo paradigma, diverso do



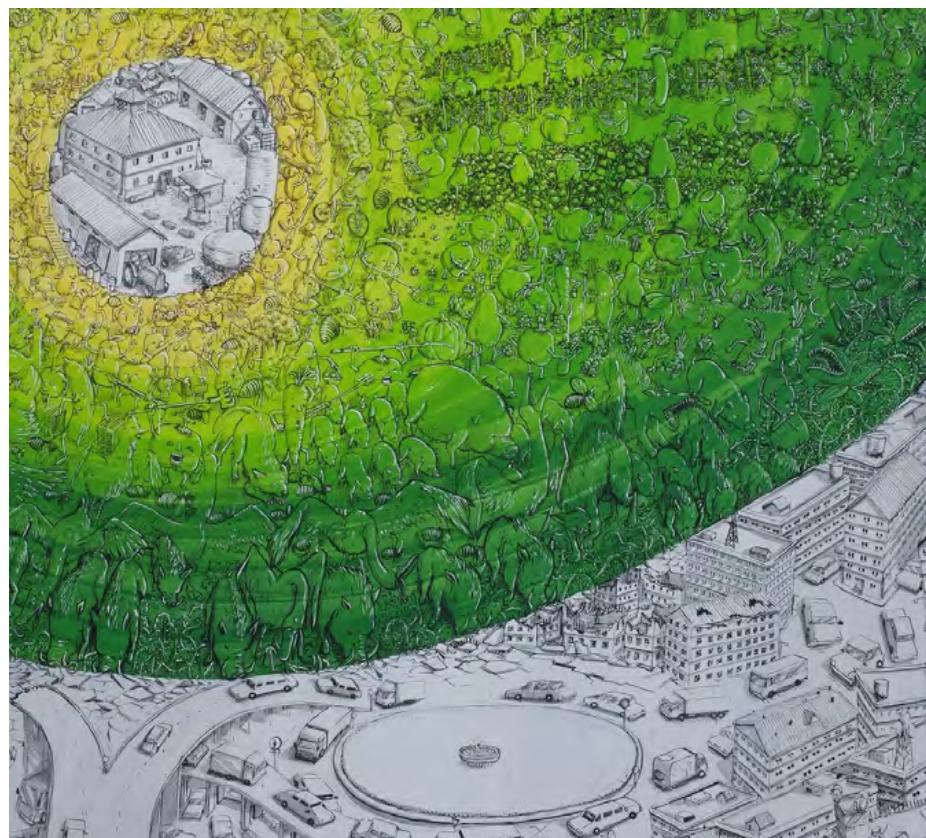
Arte e Foto: Blu/ Mondeggi Bene Comune/ Reprodução

nossa, que não inclui a espiritualidade natural, benigno para com a natureza e cuidador da Casa Comum, dificilmente escaparemos de uma tragédia ecológico-social

que trará grandes riscos para a nossa subsistência neste planeta.

Daí a importância de combatermos frontalmente o movimento nacional e internacional da extrema direita que nega a democracia e se propõe destruí-la. Urge defender a democracia em todas as suas formas, mesmo aquelas de baixa intensidade (como a brasileira), caso contrário sucumbiremos.

Vale a sábia advertência de Celso Furtado em seu *Brasília construção interrompida* (1993): "O desafio que se coloca no umbral do século XXI é nada menos do que mudar o curso da civilização, deslocar seu eixo da lógica dos meios, a serviço da acumulação num curto horizonte de tempo, para uma lógica dos fins, em função do bem-estar social, do exercício da liberdade e da cooperação entre os povos" (p.70). Essa reviravolta implica fundar uma democracia ecosocial, que nos poderá salvar.



Leonardo Boff - Ambientalista. Teólogo. Escritor. Escreveu *Brasil: concluir a refundação ou prolongar a dependência*, Vozes 2018.

Oração pela libertação dos Povos Indígenas

Eliane Potiguara

Parem de podar as minhas folhas e tirar a minha enxada
Basta de afogar as minhas crenças e tirar minha raiz.
Cessem de arrancar os meus pulmões e sufocar minha razão
Chega de matar minhas cantigas e calar a minha voz.
Não se seca a raiz de quem tem sementes
Espalhadas pela terra pra brotar.
Não se apaga dos avós – rica memória
Veia ancestral: rituais pra se lembrar
Não se aparam largas asas
Que o céu é liberdade
E a fé é encontrá-la.
Rogai por nós, meu Pai-Xamã
Pra que o espírito ruim da mata
Não prouoque a fraqueza, a miséria e a morte
Rogai por nós – terra nossa mãe
Pra que essas roupas rotas
E esses homens maus
Se acabem ao toque dos maracás.
Afastai-nos das desgraças, da cachaça e da discórdia,
Ajudai a unidade entre nações.
Alumiai homens, mulheres e crianças,
Apagai entre os fortes a inveja e a ingratidão.
Dai-nos luz, fé, a vida nas pajelanças,
Euitai, ó Tupã, a violência e a matança.
Num lugar sagrado junto ao igarapé.
Nas noites de lua cheia, ó MARÇAL, chamai
Os espíritos das rochas pra dançarmos o Toré.
Trazei-nos nas festas da mandioca e pajés
Uma resistência de vida
Após bebermos nossa chicha com fé.
Rogai por nós, ave-dos-céus
Pra que venham onças, caititus, seriemas e capivaras
Cingir rios Juruena, São Francisco ou Paraná.
Cingir até os mares do Atlântico
Porque pacíficos somos, no entanto.
Mostrai nosso caminho feito boto
Alumiai pro futuro nossa estrela.
Ajudai a tocar as flautas mágicas
Pra vos cantar uma cantiga de oferenda
Ou dançar num ritual lamaká.
Rogai por nós, Ave Xamã
No Nordeste, no Sul toda manhã.
No Amazonas, agreste ou no coração da cunhã.
Rogai por nós, araras, pintados ou tatus,

Vinde em nosso encontro
Meus Deus, NHENDIRU!
Fazei feliz nossa mintã
Que de barrigas índias vão renascer.
Dai-nos cada dia de esperança
Porque só pedimos terra e paz
Pra nossas pobres – essas ricas crianças.



Eliane Potiguara – Escritora. É fundadora e coordenadora do GRUMIN – Grupo Mulher/Educação Indígena, que é a primeira organização de mulheres indígenas surgida no País, com isso tornando-se participante da criação e evolução do movimento indígena brasileiro.





"QUAL É O MAL DE EU SER MULHER?" IRMÃ JUANA INÉS DE LA CRUZ

A maioria das pessoas, até as que são consideradas geniais pela sociedade, estuda em escolas tradicionais. Como a maioria, aprende com professores e tutores, seja em salas de aula ou em grupos de estudo. Mas uma das mentes mais brilhantes do México teve uma formação bem diferente. Irmã Juana Inés de la Cruz (12/11/1651-17/04/1695) foi totalmente autodidata.

Irmã Juana nasceu Juana Ramírez, durante a época da colonização espanhola. Desde muito pequena, pegava livros na biblioteca do avô e aprendeu sozinha a ler e a escrever. Após três anos, já sabia latim. Aos cinco, sabia matemática complexa. Aos oito, escrevia poesia.

Quando era adolescente, ela sabia lógica grega e tinha aprendido a escrever em náuatu, uma língua asteca. Desesperada para estudar ainda mais, ela implorou para poder se disfarçar de menino e, dessa forma, ir para a faculdade.

Em pouco tempo, Irmã Juana chamou a atenção de líderes regionais, que não conseguiam acreditar nas histórias que ouviam sobre essa talentosa garota. O vice-rei (um líder que representa o rei) reuniu um grupo de acadêmicos superiores para testar a inteligência dela.

Aos 17 anos, Irmã Juana apareceu na frente desses admiráveis homens. Eles fizeram perguntas sobre literatura, ciências, matemática e filosofia, e ela respondeu todas corretamente.

Impressionado com a inteligência da garota, o vice-rei ofereceu sustento a Irmã Juana para que ela pudesse continuar a estudar e aprender. Ela entrou em um convento e se tornou freira porque desejava "não ter ocupação física que pudesse reduzir minha liberdade de estudar".

Vivendo na paz do convento, Irmã Juana foi atrás daquilo que era sua



Pintura: Andrés de Islas / Wikimedia Commons

verdadeira paixão: ler, escrever, estudar e aprender.

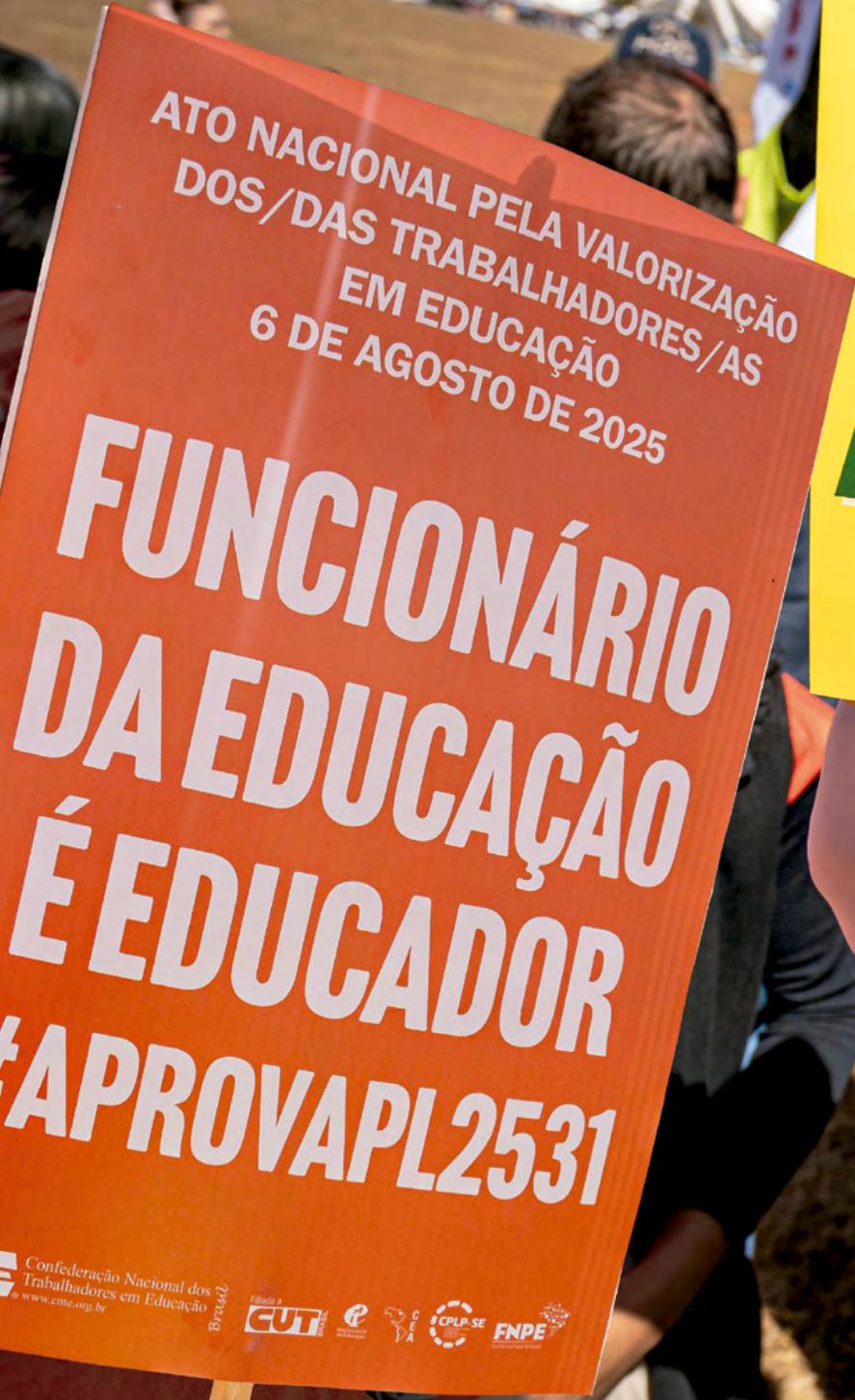
Mas seus apoiadores queriam que Irmã Juana só concentrasse seus estudos em escritos religiosos e deixasse as ideias filosóficas e políticas de lado. Em resposta, ela escreveu o que é considerado seu texto mais famoso: Resposta a Sor Filotea, ou "Resposta à Irmã Filotea".

Nessa carta, Irmã Juana defende apaixonadamente o direito de todas as mulheres a aprenderem e a estudarem. Ela cita famosas e estuda-

das da história e ecoa as palavras de Santa Tereza de Ávila com o comentário: "É perfeitamente possível filosofar enquanto se prepara o jantar". Essa carta é considerada o primeiro texto feminista do Novo Mundo.

O antigo convento da Irmã Juana é agora uma universidade que leva o nome dela, e seu rosto aparece também tanto em moedas quanto em cédulas mexicanas.

Fonte: *Mulheres Incríveis*, escrito por Kate Schatz, Editora Astral Cultural, 2017.



ESCOLA FORTE

SE FAZ COM PROFISSIONAIS VALORIZADOS



Em 6 DE AGOSTO, DIA DOS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO, a CNTE e suas entidades filiadas vindas de todo o Brasil, realizaram um grande ato em Brasília, pela valorização desses trabalhadores, essenciais para o funcionamento da Escola.

Lutamos pela aprovação do piso nacional (PL 2531/21), concurso público e condições de trabalho para uma educação pública de qualidade.



Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
Brasil
® www.cnte.org.br

Filiada à
CUT BRASIL
Internacional da Educação



CPLP-SE
CONFEDERAÇÃO PÚBLICA
DE PROFESSORES DA
LÍNGUA PORTUGUESA

FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



XAPURI CAMPANHA ASSINATURA SOLIDÁRIA

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VEM COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ 360,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ 600,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! WWW.XAPURI.INFO/ASSINE

